

INSTITUTO DE FILOSOFIA E TEOLOGIA DE GOIÁS
BACHARELADO EM FILOSOFIA

HUGO JUNQUEIRA

**A IMPORTÂNCIA DA MÚSICA NA FORMAÇÃO DO HOMEM SEGUNDO A
FILOSOFIA DE PLATÃO EM “A REPÚBLICA”**

Goiânia
2024

HUGO JUNQUEIRA

**A IMPORTÂNCIA DA MÚSICA NA FORMAÇÃO DO HOMEM SEGUNDO A
FILOSOFIA DE PLATÃO EM “A REPÚBLICA”**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Instituto de Filosofia e Teologia de Goiás,
como requisito para a obtenção do título de
Bacharel em Filosofia.

Orientador: Me. Marcelo Gabriel de Freitas
Veloso

Goiânia
2024

**FOLHA DE APROVAÇÃO
SERÁ DADA PELA SECRETARIA E INSERIDA AQUI**

Dedico o presente trabalho à minha mãe Verônica, que me concedeu a vida e com esforços sempre me apoia e incentiva na busca de minha vocação. Também dedico aos meus confrades da Província do Santíssimo Nome de Jesus do Brasil, que acreditaram em minha vocação e me possibilitaram a oportunidade de alcançar minha primeira graduação. Por fim, dedico aos admiradores e apaixonados pela Música, que assim como eu, permitem que essa magnífica arte preencha um lugar de destaque em suas vidas, alcançando-lhes sentimentos, sensações, alegrias, inspirações e boas recordações.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus pelo dom da vida, concedendo-me inteligência, sabedoria e dando-me a vocação à Vida Religiosa Consagrada;

Aos meus familiares, em especial minha mãe Verônica, que mesmo encontrando-se em Brasília-DF, tem me apoiado e acompanhado neste processo de formação através de suas orações e palavras;

Ao meu orientador, Prof. Me. Marcelo Gabriel de Freitas Veloso que desde o primeiro momento em que pensei o tema deste trabalho acadêmico, acolheu meu projeto, e que me orientou, acompanhou, aconselhou, com zelo e maestria, na produção e desenvolvimento dessa aventura acadêmica a partir do tema desse trabalho;

Aos membros da Banca Examinadora, Prof. Dr. José Reinaldo Felipe Martins Filho e Prof. Me. Denis Borges Diniz, pela leitura deste meu trabalho acadêmico e que apresentaram suas contribuições na defesa deste tema;

Em especial aos meus avós Meraldina Ivo Junqueira e Ary Junqueira (*in memoriam*), que por incansáveis vezes escutavam eu tocar uma flauta doce, e a partir desse primeiro contato com um instrumento musical, me proporcionaram e incentivaram a busca pelo gosto às artes musicais desde a minha infância;

A minha avó de consideração, Iolanda Pereira Fiuza Lima (*in memoriam*), e em sua pessoa, a meus tios de consideração Katia Nadiejda Pereira Fiuza Lima e Vladimir Fiuza, que, também, desde a minha infância, me acolheram no *Centro de Artes Claude Debussy Instituto de Música, Dança e Teatro*, em Brasília-DF, onde pude dar os meus primeiros passos no universo da música, aventurando-me nos cursos de Musicalização Infantil, Canto Coral, Teoria Musical, Teclado e Piano Clássico;

Aos meus amigos da Orquestra Sinfônica do Teatro Nacional Claudio Santoro, em Brasília-DF, na pessoa de seu regente, o Maestro Claudio Cohen, que me proporcionou acompanhar e escutar belíssimos concertos clássicos, festivais de Óperas, entre outros, ampliando a minha relação com a Música Clássica e a aproximação com renomados músicos, nacionais e internacionais, estreitando com esses laços fraternos de amizade por meio da Música;

A todos os meus confrades da Província do Santíssimo Nome de Jesus do Brasil, na pessoa do Ministro Provincial Frei Carlos Antônio da Silva, e em especial aos confrades Frei Fábio Henrique Silva Rodrigues, Frei Igor Campos Alvim e Frei Michel Lopes da Silva, frades de minha turma vocacional, que vem caminhando juntos desde a etapa formativa do Postulantado e que agora preparam-se para novos desafios;

Por fim, mas não menos importante, agradeço à toda equipe administrativa e de colaboradores do Instituto de Filosofia e Teologia de Goiás (IFITEG), na pessoa de seu Diretor Geral Pe. Moésio Pereira de Souza, C.Ss.R. Agradeço também a todo o corpo Docente do Bacharelado em Filosofia, aos funcionários do Instituto, e em especial a Bibliotecária Mônica Patrícia de Sousa, por me ajudarem a trilhar essa caminhada filosófica em busca de novos conhecimentos. A vocês, minha eterna gratidão.

*A música é o meio mais poderoso do que
qualquer outro porque o ritmo
e a harmonia têm sua sede na alma.
Ela enriquece esta última,
confere-lhe a graça e ilumina aquele que
recebe uma verdadeira educação.*

Platão

RESUMO

Este trabalho examina a concepção de educação e formação na filosofia de Platão, com ênfase em como esses conceitos diferem e como se relacionam com as artes, especialmente a música. Partindo das ideias de Platão na obra *A República*, busca-se compreender o papel central da música na formação do caráter e no desenvolvimento ético do indivíduo, contribuindo para uma sociedade ideal, harmônica e justa. Inicialmente, analisam-se as noções platônicas de educação e formação, estabelecendo como esses conceitos se complementam na formação do cidadão ideal. Em seguida, explora-se o valor das artes na Grécia Antiga e sua função educativa, culminando na análise específica da música como um instrumento essencial para cultivar virtudes e ordenar as emoções. A pesquisa revela que Platão via a música como uma ferramenta poderosa para moldar o caráter humano e preparar o indivíduo para uma vida virtuosa, ressaltando seu papel fundamental na formação de uma sociedade justa.

Palavras-chave: Platão; Educação; Formação; Artes; Música.

RESUMEN

Este trabajo examina la concepción de educación y formación en la filosofía de Platón, con énfasis en cómo estos conceptos difieren y cómo se relacionan con las artes, especialmente la música. A partir de las ideas de Platón en la obra *La República*, buscamos comprender el papel central de la música en la formación del carácter y el desarrollo ético del individuo, contribuyendo a una sociedad ideal, armoniosa y justa. Inicialmente se analizan las nociones platónicas de educación y formación, estableciendo cómo estos conceptos se complementan en la formación del ciudadano ideal. A continuación, se explora el valor de las artes en la Antigua Grecia y su función educativa, culminando con el análisis específico de la música como instrumento esencial para cultivar virtudes y ordenar emociones. La investigación revela que Platón veía la música como una poderosa herramienta para moldear el carácter humano y preparar al individuo para una vida virtuosa, destacando su papel fundamental en la formación de una sociedad justa.

Palabras clave: Platón; Educación, Formación; Artes; Música.

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| INTRODUÇÃO | 9 |
| 1 INTRODUÇÃO AO PENSAMENTO DE PLATÃO | 12 |
| 1.1 CONCEPÇÃO DE EDUCAÇÃO PARA PLATÃO..... | 14 |
| 1.2 DIFERENÇA ENTRE FORMAÇÃO E EDUCAÇÃO NO PENSAMENTO PLATÔNICO | 20 |
| 2 A QUESTÃO DAS ARTES..... | 26 |
| 2.1 ASPECTOS PRELIMINARES ACERCA DA CONCEPÇÃO DE ARTES NA ANTIGUIDADE CLÁSSICA | 29 |
| 2.2 A CONCEPÇÃO DE ARTE PARA PLATÃO | 32 |
| 3 O PAPEL DA MÚSICA NA FORMAÇÃO DO HOMEM..... | 35 |
| 3.1 PROPOSTA PLATÔNICA EM RELAÇÃO A MÚSICA | 37 |
| 3.2 A TRANSFORMAÇÃO SOCIAL, O ACESSO AOS VALORES E AS VIRTUDES POR MEIO DA MÚSICA EM PLATÃO | 42 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 48 |
| REFERÊNCIAS..... | 50 |

INTRODUÇÃO

A formação humana tem sido um dos principais temas na filosofia ocidental desde a antiguidade, especialmente na Grécia Antiga. Platão (428 a.C – 347 a.C), um dos pensadores mais influentes desse período, aborda a formação do indivíduo e da sociedade de maneira profunda em sua obra *A República*, que fora escrita em seu período de maturidade. Este trabalho acadêmico-filosófico busca explorar um aspecto específico da educação e da formação na visão platônica: o papel da música.

A partir da contribuição de alguns comentadores da área da Filosofia e da Música, que escreveram artigos, livros, teses, e afins sobre o tema, um caminho fora trilhado para que pudéssemos compreender a função da música na Antiguidade Clássica grega onde, em um diálogo com nosso filósofo ateniense, pudemos conhecer a sua vida e obra, apontar as estratégias educacionais apresentadas por ele para a criação da *pólis* e como é a formação dos guerreiros e guardiães da mesma.

No primeiro capítulo, intitulado *Introdução ao Pensamento de Platão*, adentramos ao pensamento de Platão focado na concepção de educação e sua teoria do conhecimento. Influenciado por Sócrates, seu mestre, e outros filósofos anteriores a si, Platão propõe uma visão educacional voltada para o desenvolvimento moral e intelectual dos homens, visando à formação de cidadãos justos e virtuosos.

Sua filosofia valoriza a educação como um processo de transformação, ilustrado pela Alegoria da Caverna, presente no livro VII de *A República*, onde a busca pelo conhecimento verdadeiro liberta a alma das ilusões sensoriais. A educação ideal, segundo Platão, é aquela que guia o homem ao mundo das Ideias, onde se encontra a verdade e os bens supremos.

Platão defende a importância de uma educação estruturada para a formação de governantes filósofos, que são responsáveis por liderar a *pólis* de forma sábia e ética. A *Academia*, fundada pelo filósofo ateniense em 387 a.C., é a representação de um modelo de instituição que está dedicada ao aprimoramento humano, especialmente por meio do método dialético, promovendo o pensamento crítico e a autocompreensão. No decorrer do capítulo, diferenciamos os conceitos de educação e formação, enfatizando que, para Platão, a formação (*paidéia*) é um processo integral que envolve o desenvolvimento ético, intelectual e espiritual, conduzindo o homem ao autoconhecimento e à realização plena.

No segundo capítulo, com o título *A Questão das Artes*, exploramos o papel e o conceito de arte na Antiguidade Clássica grega, abordando debates sobre a função da arte na educação e no desenvolvimento humano. A arte, neste contexto, é apresentada como um reflexo da condição humana, que permite uma profunda conexão com sentimentos, emoções, histórias e culturas, funcionando também como um meio de questionar e transformar a realidade.

A perspectiva de Platão, discutida neste capítulo, vê a arte como uma imitação do mundo sensível, ao qual o filósofo considera como uma cópia imperfeita do mundo das Ideias. Por essa razão, Platão acredita que a arte afasta os homens da verdade e da busca pelo bem, pois as obras artísticas são ilusões que podem influenciar negativamente a alma. No entanto, ele também reconhece o valor pedagógico das artes quando essa é usada para promover virtudes e auxiliar no desenvolvimento moral do homem. Platão propõe que a arte seja integrada ao seu projeto de formação ética e política, servindo à busca pelo conhecimento verdadeiro e pela virtude.

O capítulo, ainda, aprofunda nas concepções de beleza, verdade e moralidade na arte grega, explorando como que esses valores fundamentavam a produção artística e influenciavam a *pólis*. Essa visão integradora das artes como uma ferramenta para a elevação espiritual e educacional moldou a cultura ocidental e serviu de base para debates estéticos e éticos nas eras posteriores.

E, por último, mas não menos importante, investigamos no terceiro capítulo como que a música é utilizada como instrumento formativo do homem, segundo a concepção de Platão e o que ela tem a oferecer na busca de valores, sentimentos, entre outros.

A proposta de Platão em relação a música transcende esse simples aprendizado técnico ou teórico, visando a uma transformação profunda do homem. Ele acredita que a educação musical, aliada à ginástica e a outras disciplinas, promove uma harmonia interna entre as partes racional e emocional da alma, preparando o cidadão para a prática de virtudes essenciais.

Em *A República*, Platão associa diferentes modos musicais a estados emocionais específicos, demonstrando o cuidado necessário na escolha dos ritmos e melodias que comporiam o repertório educativo dos jovens. Essa atenção aos detalhes evidencia sua compreensão da música como um agente formador de caráter e de ordem interior, um reflexo da ordem universal.

Na Grécia Antiga, a música tinha uma função ética e pedagógica, sendo considerada essencial para a educação de jovens e para a harmonia da *pólis*. Também em *A República*, Platão detalha como o uso adequado da música pode contribuir para a construção de uma sociedade justa e equilibrada, alinhada aos princípios de sua filosofia.

Platão propõe um sistema educacional onde a música é colocada em uma posição de destaque na educação dos guardiães e guerreiros da *pólis*, uma vez onde esses são os responsáveis pela proteção e manutenção da ordem social. Para que esses cidadãos desempenhem seu papel de maneira virtuosa, é necessário que possuam uma formação sólida, baseada em valores de justiça, coragem e moderação. A educação musical, portanto, não serve apenas para aprimorar a sensibilidade estética, mas visa preparar os futuros líderes e defensores da cidade a cultivarem uma ordem interna, espelhando, assim, a ordem desejada na sociedade.

Neste sistema educacional estruturado por Platão, a música é utilizada como uma ferramenta que atua na formação do caráter e do espírito do indivíduo, alinhando-o aos princípios fundamentais da *pólis* ideal. Ele observa que modos musicais mais suaves e harmoniosos incentivam na busca de virtudes como a bondade e a sabedoria, enquanto ritmos mais violentos e dissonantes poderiam incitar paixões e impulsos indesejáveis. Assim, a educação musical se mostra como um meio de promover um senso de autocontrole e de harmonia, refletindo a ordem universal que Platão acredita estar presente em todos os aspectos do cosmos.

1 INTRODUÇÃO AO PENSAMENTO DE PLATÃO

*A educação deve possibilitar ao corpo e à alma
toda a perfeição e a beleza que podem ter.*
Platão

Platão nasceu em Atenas, Grécia, no ano de 428 a. C. e morreu em 347 a.C. Ao nascer recebeu o nome de *Arístocles*. Platão era seu apelido pelo fato de possuir testa e ombros largos. Pertencia a uma das grandes famílias políticas de Atenas. Seu pai, *Ariston*, era descendente do Rei *Codro*, o último rei de Atenas e por parte de sua mãe *Perictíone* contava com a presença do grande legislador ateniense, poeta grego e estadista Sólon¹. Por meio dessas presenças ilustres em sua vida, Platão encontraria na vida política o seu próprio ideal, mesmo nunca chegando “a assumir um cargo político efetivo na cidade” (Teixeira, 1999, p. 23). Em um determinado livro de Platão, há o registro de um depoimento de Aristóteles, que nos diz a respeito do filósofo ateniense sob uma certa influência recebida em um determinado período de sua vida:

[...] na juventude, teria conhecido Crátilo, que, adotando as ideias de Heráclito de Éfeso sobre a mudança permanente de todas as coisas – e certamente interpretando de forma parcial e empobrecida a tese heraclítica – afirmava a impossibilidade de qualquer conhecimento estável (Platão, 1991, p. 11).

Autor de diversos diálogos, Platão em seu pensamento “foi influenciado basicamente por quatro pensadores: Pitágoras (órfico-pitagóricos), Parmênides, Heráclito e Sócrates” (Teixeira, 1999, p. 22). A influência desses filósofos permitiu que Platão inaugurasse uma nova forma de filosofia que viria a ser utilizada por outros pensadores posteriores em tempos diferentes. De cada um dos referidos filósofos, Platão leva para a sua filosofia pontos fortes e necessários que foram capazes de dar corpo e sustento ao seu pensamento.

Influenciado por seu mestre Sócrates (470 a.C. - 399 a.C.), considerado um “homem irônico, luminoso e perspicaz, de invejável autodomínio, preocupado com a educação da juventude e com a felicidade do homem em geral” (Teixeira, 1999, p. 20)

¹ “Sólon, eleito arconte em 594 a.C., [...] pertencia à aristocracia, mas, por temperamento ou por necessidade, fora levado a viajar, o que o colocava um pouco à margem da aristocracia tradicional. [...] No plano jurídico, Sólon aparece como o legislador ateniense por excelência. Promulgou uma série de leis, tornadas públicas, criando, assim, um direito ateniense comum a todos” (Mossé, 1997, p. 14-15).

e figura central de seus escritos, Platão terá como elemento central em sua filosofia a Teoria das Ideias, a qual será desenvolvida em toda a produção de seu pensamento.

Ao formular sua teoria, Platão descreve e comenta a Alegoria da Caverna² onde, “homens numa habitação subterrânea em forma de caverna, com uma entrada aberta a luz, que se estende a todo o comprimento dessa gruta” (Platão, 1987, 514a), estando acorrentados e vivendo em um mundo escuro, de frente a uma parede branca, atrás deles passavam pessoas com objetos nas mãos, passando por um fogo, onde imagens eram projetadas por meio de sombras nessa parede. Ao depararem com essas imagens projetadas, tomavam-nas como que reais. Trata-se da problematização acerca da educação. Nesse sentido, o intuito de Platão é apresentar “o que é a vida do homem sob a influência da educação ou a falta dela” (Teixeira, 1999, p. 62).

A teoria do conhecimento de Platão, conhecida como epistemologia platônica, é uma das contribuições mais significativas do filósofo ateniense para a filosofia ocidental. Platão postulava que o conhecimento verdadeiro não pode ser obtido através dos sentidos, pois esses são enganosos e sujeitos a mudanças. Em vez disso, ele argumentava que o verdadeiro conhecimento só pode ser alcançado através da razão e do intelecto. Esta distinção é fundamental em sua divisão entre o mundo sensível, acessível pelos sentidos e caracterizado pela impermanência e ilusão, e o mundo inteligível, acessível pela razão e caracterizado pela constância e verdade.

As Ideias ou Formas, para Platão, são os arquétipos eternos e imutáveis das coisas sensíveis, e o conhecimento verdadeiro é o conhecimento dessas Formas. Ele acreditava que a alma humana residia no mundo das Formas e, portanto, possuía um conhecimento prévio dessas entidades. O processo de aprendizado, então, é na verdade um processo de reminiscência, onde a alma recorda as Formas que conheceu antes de se unir ao corpo. Esse processo é essencialmente filosófico, pois exige que o indivíduo transcenda o mundo sensível e se eleve ao mundo inteligível através do exercício da razão.

Sua teoria do conhecimento tem profundas implicações éticas e políticas. Ele defendia que somente aqueles que possuem conhecimento das Formas,

² A Alegoria da Caverna, encontrada em sua obra *A República*, é um dos principais diálogos de Platão e que “foi criada [...] como um recurso pedagógico para delinear de forma significativa tanto a Teoria das Ideias como a sua Paidéia. Destarte, pretende, pois, o filósofo grego demonstrar como se efetiva a passagem do mundo sensível para o mundo inteligível” (Nogueira, 2010).

especialmente a Forma de Bem, estão capacitados a governar uma sociedade de maneira justa e efetiva. Assim, a teoria do conhecimento desenvolvida pelo filósofo ateniense contribui para estruturação na relação entre ética e a política, sublinhando a interconexão entre saber e agir justo.

O pensamento de Platão sendo vasto para a filosofia, contribuiu e contribui em diversos campos como por exemplo: a educação, a imortalidade e tripartição da alma, a formação das classes e suas divisões de trabalho na *pólis*, a divisão do mundo em sensível e inteligível, a ética, a metafísica. No arcabouço da obra de Platão, o livro *A República*, de modo inquestionável, é um dos mais expressivos, vez que promoveu – e ainda continua a promover –, um alcance dentro da história do pensamento e também em outras áreas do conhecimento.

No livro *A República*, componente principal de nosso estudo – escrito durante o período de maturidade³ do filósofo ateniense –, Platão apresenta uma visão complexa sobre a natureza humana, a organização da sociedade ideal e o papel fundamental da educação na construção dessa sociedade. Neste capítulo introdutório, apresentaremos qual a concepção de Platão acerca da educação, apontando as estratégias educacionais apresentadas pelo filósofo que contribuiriam na e para a formação dos guerreiros e guardiões da *pólis*.

1.1 CONCEPÇÃO DE EDUCAÇÃO PARA PLATÃO

Antes de abordarmos diretamente qual a compreensão que Platão apresenta a respeito da educação e a relação que possui com ela, a partir da sua teoria do conhecimento, de forma basilar, uma breve interpretação sobre essa temática. Para elucidar essa necessidade, vejamos como Abbagnano (1901-1990), define por educação:

[...] a transmissão e o aprendizado das técnicas *culturais*, que são as técnicas de produção e comportamento, mediante as quais um grupo de homens é capaz de satisfazer suas necessidades, proteger-se contra a hostilidade do ambiente físico e biológico e trabalhar em conjunto, de modo mais ou menos ordenado e pacífico (Abbagnano, 2007, p. 305, *grifo do autor*).

³ Por ordem de juventude, maturidade e velhice, os diálogos estão assim distribuídos: 1) juventude (por ordem alfabética e não cronológica): *Apologia*; *Críton*; *Cármides*; *Crátilo*; *Eutidemo*; *Eutifron*; *Górgias*; *Hípias menor*; *Hípias maior*; *Laques*; *Ion*; *Lisis*; *Menexeno*; *Mênon*; *Protágoras*. 2) maturidade (por ordem alfabética e não cronológica): *Fédon*; *Fedro*; *República*; *Parmênides*; *Simpósio* (ou *Banquete*); *Teeteto*. 3) velhice (por ordem alfabética e não cronológica): *Crítias*; *Leis*; *Filebo*; *Político*; *Sofista* e *Timeu*. (Chauí, 2002, p. 230-231).

A importância de transmitir e aprender técnicas culturais dentro de um grupo social ou comunidade, mostra que tais técnicas englobam métodos de produção e comportamento. As técnicas são categóricas para que o grupo consiga atender as necessidades básicas, proteger-se dos desafios do ambiente físico e biológico à sua volta, e colaborar de maneira organizada e harmoniosa. Esse processo de transmissão cultural assegura a continuidade e adaptação do grupo frente às adversidades, promovendo um funcionamento coletivo eficiente e coeso.

Os gregos, com a intenção de ensinar e educar, segundo a visão do Ocidente, são os primeiros povos que iniciam um projeto de educação⁴, consciente, e que seja orientado para um ideal capaz de promover e aprimorar a forma de pensar do homem. Platão, em seu pensamento e filosofia, desenvolve uma concepção de educação profundamente entrelaçada com a visão filosófica sobre a natureza humana e a sociedade ideal. Em *A República*, Platão descreve a educação como um processo essencial para a formação do caráter e da alma humana:

A alma, por conseguinte, é imortal e o que nos força a admitir o nosso argumento [...]. Mas, para sabermos o que ela é em sua essência mesma, será preciso contemplá-la não como o fazemos presentemente, deformada pela união com o corpo e com tantas misérias; não: em sua essência purificada, como ela é em si mesma é que devemos contemplá-la atentamente com os olhos da razão. Então, a encontrarás muito mais bela, e distinguirás com maior nitidez a justiça e a injustiça [...] (Platão, 2000, 611c).

Platão argumenta que a alma é imortal e que sua verdadeira essência só pode ser compreendida quando ela for contemplada em seu estado puro, separada das influências, corrupções do corpo físico e das dificuldades da vida terrena. Segundo ele, a educação desempenha um método crucial nesse processo, pois é por meio do uso da razão e da reflexão filosófica que se poderá alcançar uma compreensão clara e distinta da justiça e da injustiça, bem como da verdadeira natureza da alma.

A purificação da alma, dada através do conhecimento e da virtude, revela sua beleza intrínseca e orienta o indivíduo para a vida moral e justa. Educação, portanto, não será apenas a aquisição do conhecimento, mas um processo de formação integral do caráter e do espírito humano.

⁴ A ideia de educação para os gregos representava o sentido de todo o esforço humano. Era a justificação última da comunidade e individualidade humanas (Jaeger, 2013, p. 5).

No ano de 387 a. C., na cidade de Atenas, Platão funda a chamada *Academia*, que “teve, portanto, uma história de nove séculos” (Abbagnano, 1991, p.25) e, “por influência pitagórica mandou colocar a seguinte frase no pórtico [...]: ‘Que ninguém entre se não souber geometria’” (Marcondes, 2002, p. 55-56). Esta é a primeira Escola de caráter permanente e que está preocupada com a formação consistente e intelectual do ser humano.

Esta *Academia* que “em vez de transmitir doutrinas [...] ensinava a pensar, ou como lemos no *Mênnon*, ‘o dever de procurar o que não sabemos’” (Chauí, 2002, p. 226), dedica-se ao ensino e ao estudo das diversas ciências da época, tendo como prioridade a matemática, a geometria, a retórica e a discussão de grandes temas éticos e políticos. No ponto alto dessa educação encontra-se a dialética⁵ como método de divisão e a filosofia. Nesta *Academia* de Platão passam, aprendem e contribuem com a formação as figuras de *Aristóteles*, que tornara seu discípulo, *Heráclides do Ponto*, *Eudoxo de Cnido*, *Filipo de Opunte*, *Crator* e mais tardiamente *Plotino*, entre outros nomes.

Para tornar um homem um cidadão genuíno, a educação é o meio pelo qual ele pode ser educado. Por ela, Platão pretende educar os dirigentes políticos, permeada em valores que tenham alcance universal. Todo esse sistema educacional elaborado por Platão está “edificado sobre o alicerce da verdade e sobre a possibilidade de conquista da verdade através da ciência racional” (Teixeira, 1999, p. 23).

A Alegoria da Caverna, diálogo platônico que explica a hierarquia do conhecimento e o governo dos sábios, representa metaforicamente a transição do espírito para o conhecimento supremo, com o acorrentado representando a condição humana passando do escuro da ignorância para a luz da sabedoria e da verdade. Dessa forma,

⁵ Esse termo, que deriva de diálogo, não foi empregado, na história da filosofia, com significado unívoco, que possa ser determinado e esclarecido uma vez por todas[...]. Todavia, é possível distinguir quatro significados fundamentais: 1ª D. como método da divisão; 2ª D. como lógica do provável; 3ª D. como lógica; 4ª D. como síntese dos opostos. Esses quatro conceitos têm origem nas quatro doutrinas que mais influenciaram a história desse termo, mais precisamente a doutrina platônica, a aristotélica, a estoica e a hegeliana. [...] *D. como método de divisão*. Este foi o conceito de Platão. Para ele, a D. é a técnica da investigação conjunta, feita através de colaboração de duas ou mais pessoas, segundo o procedimento socrático de perguntar e responder. De fato, para Platão, a filosofia era tarefa individual e privada, mas obra de homens que “vivem juntamente” e “discutem com benevolência”; é a atividade própria de uma “comunidade da educação livre” (*Leis*, VII, 344b). (Abbagnano, 2007, p. 269, *grifo do autor*).

[...] a educação seria, por conseguinte, a arte desse desejo, a maneira mais fácil e mais eficaz de fazer dar a volta a esse órgão, não a de o fazer obter a visão, pois já a tem, mas, uma vez que ele não está na posição correcta e não olha para onde deve, dar-lhe os meios para isso (Platão, 1987, 518d).

A educação, abordada por Platão, deve ser entendida como a arte de redirecionar a atenção da alma para os objetos corretos, promovendo uma mudança de perspectiva que permite a apreensão do conhecimento verdadeiro de forma mais fácil e eficiente. Essa concepção sublinha a importância do direcionamento adequado do olhar interior para alcançar a sabedoria e a virtude⁶. Vicente no artigo *O papel da educação na República de Platão*, abordando sobre a educação ter a função fundamental na realização da cidade ideal ou justa, nos alerta e nos ajuda a pensar sobre o papel da educação:

Sendo assim, essa natureza precisa, necessariamente de uma educação adequada que possibilite ao homem sair da confusão da caverna e construir uma cidade justa; mas é preciso muito cuidado! Pois, “a natureza melhor, sujeita a uma alimentação diversa da que lhe compete, resulte numa coisa pior do que a natureza medíocre” (Vicente, 2014, p. 220).

A partir da Alegoria da Caverna, nota-se que é importante que a educação tenha uma determinada estrutura, com base no sentido da visão, mas não somente por meio dela, mas também com o querer sair da “caverna” pois, por meio dela o ser humano, que se encontra em uma certa ignorância, adquire e tem contato com o conhecimento a sua volta, e desta forma, pode superar essa ignorância, adquirindo meios e elementos que ajudarão a construir uma sociedade justa.

No entanto, deve se ter cautela, pois uma “natureza melhor”, se exposta a uma educação inadequada, pode-se tornar pior que uma “natureza medíocre”. A educação do indivíduo necessita ser cuidadosamente delineada e conduzida para evitar que potencialidades conquistadas por meio da educação, como o conhecimento, a cultura, a espiritualidade, a elaboração do pensamento crítico e racional, entre outros, sejam corrompidas ou desviadas, comprometendo assim o

⁶ “Em Platão, a virtude é o equilíbrio interior e a autarquia, a independência que somente o saber pode trazer” (Chauí, 2002, p. 301). “[...] virtude, no homem, é o governo dos apetites e da cólera pela razão; essa mesma teoria[...] é aplicada à Cidade, concebida como um conjunto hierarquizado de funções cada qual com sua *dynamis* e sua *areté* (Chauí, 2002, p. 305-306).

desenvolvimento justo e equilibrado da *pólis* grega. Uma qualidade e adequação da educação são cruciais para que ocorra o florescimento humano e social.

Para que essa educação possa ocorrer de forma bem orientada, Platão propõe o método da dialética, meio por excelência adotado por Sócrates, com a intenção de transmitir as suas ideias, e que o filósofo ateniense herdou de seu mestre. Aquele que é dialético, e dele se utiliza, indica que há uma abertura para o diálogo, onde esse seja vivo e livre. Destaca-se, aqui, o papel do educador, que muito mais do que perguntar e buscar, indicará ou contestará acerca de algo.

Teixeira (1999, p. 51) diz que “o papel da educação não é dar a visão, mas orientar os olhos para a direção certa”. Neste aspecto os educadores, com a intenção de educar os futuros filósofos governantes da *pólis*, em seus métodos educacionais, além da ginástica e da música, deverão “introduzir novos conteúdos, tais como: ciências dos números, geometria, astronomia e dialética” (Vicente, 2014, p. 222). Esse método da dialética será:

[...] o único que procede, por meio da destruição das hipóteses, a caminho do autêntico princípio, a fim de tornar seguros os seus resultados, e que realmente arrasta aos poucos os olhos da alma da espécie de lodo bárbaro em que está atolada e eleva-os às alturas (Platão, 1987, Livro VII, 533d, p. 347).

O “único” acima mencionado remete-se ao filósofo, que utiliza a dialética para refutar falsas hipóteses, buscando a verdade fundamental. Este processo envolve elevar a alma do estado da ignorância e ilusão (“lodo bárbaro”) para o conhecimento verdadeiro (“alturas”). Assim, a dialética é vista como uma jornada intelectual que purifica e ilumina a mente, conduzindo-a da escuridão à luz da compreensão. Acerca desta questão da dialética, Teixeira (1999, p. 50) diz que: “[...] a educação à dialética não é apenas colocar a serviço do educando determinadas ferramentas racionais que o ajudem a pensar e conhecer a verdade das coisas. O método dialético [...] tem o caráter de purificar a alma, portanto educar o coração”.

Educar o coração, purificando a alma, através de um diálogo vivo, prova, a rigor, que educar implica em uma relação de comunhão. Educador e educando, possuindo uma relação de ensino entre ambos, aprendem e se educam juntos. “O diálogo vivo rompe com as unilateralidades onde ‘alguém’ que sabe ensina a ‘alguém’ que não sabe. O diálogo vivo supõe exterioridade, onde se manifesta a vontade de fazer o outro melhor [...]” (Teixeira, 1999, p. 50).

Os gregos, ensinando desta forma, promovem o aprimoramento do homem a partir dos elementos morais, políticos e artísticos, inerentes à própria cultura das musas. Assim, a educação grega é “a própria demonstração da grandiosidade de um povo, que mesmo depois de transcorrido séculos, ainda permanece como um exemplo singular de uma vontade direcionada para a ampla formação humana” (Alves, 2010, p. 6 *apud* Jaeger, 1980, p. 3).

A abordagem dialética grega torna-se, portanto, um modelo educacional que vai além do simples repasse de informações e conhecimento. Exige-se a participação do educando, que é incentivado a questionar, argumentar e refletir de forma crítica. Esse método não visa somente o desenvolvimento intelectual, mas também o amadurecimento emocional e moral, configurando-se como uma educação integral que busca educar indivíduos de forma completa e cientes de si mesmos e do ambiente que os cerca.

No artigo “*A Educação na Alegoria da Caverna em Platão*”, desenvolvido por Nogueira, em um breve parágrafo, e mais algumas linhas, nos apresenta qual é a função da educação e qual é a sua finalidade nos ajudando a compreender como esta deve ser aplicada aos educandos. Segue-se:

Destarte, a função educadora tem na cidade platônica uma importância de primeira ordem, pois dela depende que se alcance o ideal da comunidade social. A educação que tem finalidade política deve, portanto, formar cidadãos para o exercício de suas funções específicas no Estado, mas para tal deve formar homens perfeitos com relação à virtude. Por sua vez, a educação não consiste em simples aulas de ensinamento sobre a virtude, a qual não se adquire só pelo conhecimento, mas pelo exercício (Nogueira, 2010).

A função educadora, portanto, é essencial para formar os cidadãos com a intenção de que esses desempenhem suas funções específicas no Estado de maneira virtuosa. Platão acredita que cada indivíduo possui um papel natural dentro da comunidade, seja na produção, no artesanato, no comércio, na política e justiça, e a educação deve ajudar a cada um a descobrir e desenvolver essas habilidades inatas.

Além disso, Platão enfatiza que a virtude não é apenas um produto do conhecimento intelectual; ela também deve ser cultivada através da prática e do hábito. A educação platônica forma o caráter moral dos cidadãos tanto quanto suas habilidades intelectuais, assegurando que eles possam contribuir positivamente para

o bem-estar geral do Estado. Portanto, a educação é vista como um meio de alcançar a excelência pessoal e coletiva, levando à realização do ideal da comunidade social.

A educação para Platão, ao ser concebida, tem como finalidade a prática do bem. Esse bem está associado à sabedoria enquanto busca pela verdade. Logo, amando a sabedoria e a verdade, será possível que o bem seja praticado. E este será o seu objetivo supremo. Cabe perguntar, depois, como que uma educação pode ser proporcionada, possibilitando ao homem conhecer e praticar a bondade? O bem significa a ideia suprema pela qual é possível a inteligibilidade do mundo.

Dado o exposto, tendo iniciado nossa reflexão pelo conceito de educação e retornando a Antiguidade Clássica Grega, nota-se que o método estruturado de educação pensado pelos gregos e que Platão utilizou por meio de sua *Academia*, afirma que a educação é essencial para a formação do caráter humano, tendo sua ação diretamente na alma. Esta educação é uma arte, onde tem a capacidade de redirecionar o olhar da alma para aquilo que é correto e assim alcança a sabedoria e a virtude.

O homem será aprimorado e educado a partir dos elementos morais, políticos e artísticos, e poderá desenvolver as suas habilidades e talentos, conhecendo a si mesmo e o mundo que está à sua volta. Logo, o papel de uma educação íntegra, bem pensada e bem estruturada, atingirá os homens para a construção de uma sociedade justa e harmoniosa, com base nas virtudes da sabedoria, coragem e temperança. No tópico que se segue, tendo conhecido a educação de Platão neste primeiro momento, buscaremos diferenciar formação e educação, entendendo que ambas são distintas.

1.2 DIFERENÇA ENTRE FORMAÇÃO E EDUCAÇÃO NO PENSAMENTO PLATÔNICO

Ao iniciar esse nosso segundo tópico, tendo conhecido a concepção de educação a partir da perspectiva platônica, o que realmente podemos nos perguntar é se, haverá realmente essa diferença entre formação e educação, já que essas são próximas? Veremos sim que haverá uma diferença entre esses dois termos.

Werner Jaeger (1888-1961), utiliza de forma expressiva esse termo/conceito formação, vez que, pois, está associado diretamente ao termo grego *paidéia*, para apresentar a formação do homem grego, no seu caráter particular e no seu desenvolvimento histórico. Não será um conjunto de ideias abstratas, mas a própria

história da Grécia Antiga que ajuda, de forma elevada, na formação do homem. Na leitura de *A República* é possível ao leitor deparar-se com os dois termos: formação e educação.

Sobre formação, Oliveira e Abreu, no artigo desenvolvido por ambos, utilizam de um trecho mencionado por Mondolfo (1957, *apud* Oliveira; Abreu, 2015, p. 207), onde lê-se que “Formação, de modo mais eminente, é uma atividade que começa e atinge a sua finalidade no próprio homem, independentemente de fins ulteriores e exteriores”.

Acerca da concepção de *paidéia*, trata-se da formação integral do homem, abrangendo não apenas a instrução acadêmica, mas também o seu desenvolvimento moral, ético e espiritual. Para Platão, a *paidéia* é um processo que visa moldar o caráter e a alma do homem, preparando-o para ser um cidadão virtuoso e justo. É por isso, que no título de nosso trabalho, utilizamos o conceito de formação, segundo a definição apresentada, ao invés de educação.

O conceito de formação em Platão é integral e envolve três tipos de desenvolvimento. O primeiro, pelo intermédio de um desenvolvimento moral e ético, indica a formação do caráter e a inculcação de virtudes como a justiça, a coragem e a temperança. No segundo, a partir do desenvolvimento intelectual, onde o cultivo da razão e do pensamento crítico, visam a compreensão das verdades eternas e das Ideias (ou Formas). E, na terceira realidade, mas não menos importante, o desenvolvimento espiritual⁷, ao qual a orientação da alma em direção ao bem e ao conhecimento do mundo das Ideias, são perfeitos e imutáveis.

Como vimos, a partir de *A República*, Platão descreve um sistema formativo, com esses três tipos de desenvolvimento, ao qual visa levar os homens ao conhecimento das Ideias, especialmente a Ideia do Bem. Esse sistema inicia-se com a educação básica e avança para o treinamento em disciplinas mais abstratas e filosóficas, que já foram apresentadas no primeiro tópico, culminando no estudo da dialética, proposta por Sócrates, onde busca-se alcançar o conhecimento das verdades eternas por meio do diálogo entre educador e educando.

⁷ Na filosofia grega, especialmente a partir de Platão e Aristóteles, o espírito era relacionado com o conceito de *psiqué* ou “alma”. Chauí conceitua *psiqué* (ou *psykhè*) como segue: “Alma, psique; sopro de vida; princípio da vida; o vivente; caráter; temperamento; sede dos desejos, sentimentos e pensamentos. Personificada, Psyché simboliza a imortalidade e é atormentada por Eros” (Chauí, 2002, p. 510).

O educador, como um filósofo, tem em mãos duas possibilidades de ensinar o seu educando, o seu discípulo. Em primeiro momento, como instrução (retornando à Alegoria da Caverna, seria esta a própria figura da caverna, que aprisiona). Por meio dessa instrução, nota-se o mundo a partir de como ele se apresenta, simples e imediato. Assim, entre opinião (*doxa*) e conhecimento (*epísteme*) há distinção. Inicialmente, conforme Platão, o que se é colocado diante do homem, de forma imediata, é considerada como “verdade”. No entanto, para que tal perspectiva faça sentido, é necessário salientar a distinção entre *doxa* e *epísteme*, que pode ser compreendida da seguinte maneira:

Dóxa deriva do verbo *dokéo*, que significa: 1) tomar o partido que se julga o mais adaptado a uma situação; 2) conformar-se a uma norma; 3) escolher e decidir. [...] Por isso, a *dóxa* se aproxima da *alétheia*, quando a persuasão for verdadeira (*peithó*), e se aproxima da *léthe*, quando houver apenas sedução mentirosa (*apáte*) (Chauí, 2002, p. 43).

No mesmo livro citado acima, Chauí conceitua *epísteme* como se segue: “*epísteme* (ciência, isto é, saber verdadeiro), palavra da mesma família do verbo *epístamai* que significa saber, pensar, conhecer, no sentido de algo adquirido e possuído (ter um saber, ter um conhecimento)” (Chauí, 2002, p. 253).

Seguindo nossa linha de raciocínio traçada até o momento, a outra possibilidade de ensinar seria realmente pela educação, onde “soltos das amarras”, os homens mudariam seu olhar e, não mais relacionando-se com as sombras, ou os objetos simples e imediatos, estes encaminhar-se-iam a outra forma de interpretação do mundo, do próprio homem e do saber. Encontra-se diante desta liberdade a dialética ascensional, onde o que se encontrava amarrado, sai da *Létheia* (mundo das sombras) para a *Alétheia* (luz, claridade). Portanto, a dialética ascensional⁸ dar-se-á a partir desta subida (ascensão) do que se encontrava preso no mundo sensível e agora se encaminha ao mundo da verdade presente no mundo das Ideias.

Posteriormente, este que subiu e encaminhou-se ao mundo da verdade, tem como objetivo retornar à caverna, não com a intenção de ser acorrentado novamente, mas com o objetivo de iniciar com os outros acorrentados que lá estão para que estes também possam ser libertos e, assim, encontrar o caminho que leva ao conhecimento, ou a *epísteme*.

⁸ “Ascensão dialética ou dialética ascensional, escala de Eros, iniciação erótico-filosófica e ascensão amorosa são nomes distintos para designar aquilo que, para Platão, é o processo pelo qual o amado deve passar para chegar a conhecer o Belo” (Fernandes, 2015, p. 32).

Não é uma tarefa fácil, pois aquele que saiu da caverna, deverá ter passado por um momento de “cegueira”, de adaptação junto aquilo que encontrara a sua volta, relacionando-se, aprendendo e interagindo com os mesmos, para que assim pudesse retornar ao mundo sensível levando aquilo que fora experienciado. Diz-nos Teixeira acerca desta saída da caverna:

A saída da caverna é um aprender. A educação aparece aqui não apenas como superação, mas sobretudo, como ocasião de colocar o prisioneiro diante da sua própria verdade. A mudança de verdade é antecedida pela mudança daquele que a vê. Por isso, todo esse processo comporta crise. E a crise se manifesta como mudança radical de mentalidade e de atitude diante da realidade. Mudança que nem sempre é fácil (Teixeira, 1999, p. 66).

A partir do que fora mencionado até o presente momento a respeito dos dois conceitos *educação* e *formação*, bem como a finalidade de cada um, poderemos assim relacioná-los e perceber que ambos possuem diferenças. A educação, muito além do seu conceito e do que já fora apresentado neste capítulo introdutório, irá além da instrução técnica.

Platão reitera que a verdadeira educação é aquela capaz de formar a alma e o caráter do homem buscando conduzi-lo em direção ao conhecimento do bem, da verdade, da justiça e ao desenvolvimento de virtudes morais. Em *A República*, nossa obra de estudo, Platão descreve a educação como um processo que deve levar a alma do mundo das aparências (a caverna) ao mundo das ideias, pois é neste mundo onde reside o conhecimento verdadeiro.

Sobre a concepção de formação platônica, David Ross (1888-1971), autor da obra *Teoria das Ideias de Platão* (em inglês *Plato's theory of ideas*) o mesmo analisou desde os diálogos mais antigos a saber: *Cármides*, *Laques*, *Eutifron* e *Hípias Maior* a teoria das ideias de Platão. Nessa obra, Ross apresenta seu conceito de formação, onde nos diz:

Formar não seria reproduzir as formas empíricas e particulares da humanidade, de acordo com os costumes e hábitos imediatos, mas, antes, a tentativa de atingimento de um alto ideal de humanidade cuja essência é a busca da perfeição a partir da conexão e integração do verdadeiro, do belo e do bom (Ross, 1976 *apud* Oliveira et. al., 2015, p. 207).

Neste aspecto, a formação é entendida como reprodução de comportamentos e costumes indo além de simples conformidade social. Ela implica uma transformação profunda que visa o desenvolvimento integral do homem. Esse desenvolvimento

busca a realização de potencialidades humanas que conduzam a uma existência mais completa e harmoniosa.

Assim, a educação e a formação não se limitam a adaptar indivíduos às normas sociais preexistentes, mas devem inspirá-los a transcender tais normas buscando um ideal, que embora elevado, é o que verdadeiramente enriquece a humanidade. A formação, em um processo dinâmico e aspiracional, auxilia o homem a alcançar a evolução constante e a busca por sua excelência humana.

Platão entende a educação como um processo fundamental para moldar o caráter e a alma, tendo como objetivo a busca pela verdade, pela justiça e pelo bem. Na alegoria da caverna, ele retrata a condição humana como uma existência limitada pela ignorância, na qual as pessoas enxergam apenas sombras da realidade. Nesse cenário, a educação é apresentada como a arte de guiar a alma em direção ao verdadeiro, possibilitando que os indivíduos superem as limitações do mundo sensível e alcancem o mundo das Ideias.

Como Platão diz em *A República*: “A educação seria, por conseguinte, a arte desse desejo, a maneira mais fácil e eficaz de fazer dar a volta a esse órgão, não a de o fazer obter a visão [...], mas, [...], dar-lhe os meios para isso” (Platão, 1987, 519d), o conhecimento, ou *epísteme*, só pode ser alcançado por meio da razão e do diálogo, promovendo a purificação da alma e a formação de virtudes como a justiça, a coragem e a temperança.

Para ele, a alma é imortal e só em sua essência “purificada é assim que devemos observá-la cuidadosamente pela razão, e então acharemos que ela é muito mais bela e veremos com muito maior transparência diferentes exemplos de justiça e injustiça” (Platão, 1987, 611c).

A educação não é apenas técnica, mas integral, moldando o homem para ser virtuoso e justo. Platão acredita que o aprendizado é um processo de reminiscência, pois a alma já possui conhecimento das Ideias antes de sua união ao corpo. Assim, a educação é o meio pelo qual a alma recorda e é guiada para o alto ideal de humanidade, onde o verdadeiro, o belo e o bom se integram.

Essa visão permanece central em sua proposta de uma sociedade ideal, na qual os filósofos, por conhecerem a Forma do Bem, estão mais aptos a governar. Como ele coloca, “aquele que saiu da caverna deve retornar para iluminar os outros” (Platão, 1987, Livro VII), reafirma-se que a educação não é apenas uma transformação individual, mas um compromisso com a justiça coletiva.

A partir do segundo capítulo deste trabalho, veremos como o homem pode cultivar a alma e expandir o seu conhecimento por meio da produção material e intelectual com o objetivo de ser moldado e preparado pelas disciplinas que já se conhece ao longo de sua época. Nesse processo, destaca-se o papel das artes, sua função e concepção, especialmente sob a perspectiva do pensamento do filósofo ateniense.

2 A QUESTÃO DAS ARTES

Para mim, a arte, e especialmente a música, existe para nos elevar o mais alto possível acima da existência quotidiana.
Gabriel Fauré

A arte, ao longo da história, ocupou um lugar central em discussões que abordam a cultura e a experiência humana. Suas formas de expressão variam conforme as épocas e sociedades, mas sua relevância permanece evidente. Seja por meio da pintura, da escultura, da música ou da literatura, as artes sempre foram um espelho da condição humana, refletindo emoções, crenças e visões no mundo. No entanto, além de sua função estética, o valor e a utilidade da arte têm sido temas de debates acalorados. Neste capítulo, buscamos entender qual a concepção da arte na Antiguidade Clássica, qual o seu papel e função, e, também, como ela é compreendida no pensamento de Platão e as suas considerações a respeito do presente tema.

Desde a Grécia Antiga, questionamentos dentro dessas discussões sobre as artes, foram colocados por diversos filósofos. Essas questões giravam em torno de perguntas com o intuito de descobrir qual é o papel e a influência da arte na vida do homem; se teria ela uma tarefa educativa; até que ponto a arte se aproxima do verdadeiro; a arte é um obstáculo ou ajuda os homens a tornarem-se melhores; deve a arte educar, influenciar, formar opiniões, incitar mudanças ou deve simplesmente ser objeto de prazer e gozo; entre outras perguntas.

Teixeira (1999, p. 73) diz que: “a arte é o patrimônio de estar vivo. Consiste numa necessidade pessoal e social, pois estabelece novas relações entre o indivíduo e o mundo que o cerca”. A arte, para Platão, tem uma função e um valor distintos do que ela viria a ter em períodos posteriores da história da filosofia. Seu tratamento da arte é influenciado pela Teoria das Ideias e a sua visão epistemológica, ética e política.

Mora (1912-1991), apresenta um conceito de arte do seguinte modo: “[...] Fala-se da arte de viver, da arte de escrever, da arte de pensar; nesse sentido, ‘arte’ significa certa virtude ou habilidade para fazer ou produzir algo” (Mora, 2000, p. 199). E continua: “Esses significados não são totalmente independentes; vincula-os entre si a ideia de fazer – e especialmente de produzir – algo de acordo com certos métodos ou certos modelos” (Mora, 2000, p. 199). Ao modo platônico, podemos considerar e conceituar arte como *tecné* (em grego *τέχνη*). Em relação a *tecné*, diz-nos Mora:

O termo *τέχνη* significou “arte” (em particular “arte manual”), “indústria”, “ofício”. Dessa maneira, dizia-se de alguém que “sabia sua arte” – seu “ofício” – por ter uma habilidade particular e notória. Platão fala, por exemplo, de fazer algo com arte, *μετα τέχνης*, ou sem arte, *άνευ τέχνης* (*Phaed.*, 89 D). Mas os exemplos dados por Platão – seguindo Sócrates – relativos à necessidade de fazer as coisas “com arte” não tardaram a aplicar-se a uma arte não manual, mas intelectual, a arte da palavra ou do raciocínio *ή περί τους λόγους τέχνη* (*Phaed.*, 90 A). O mais elevado era, pois, a ciência, a filosofia, o saber e, em última análise, a dialética (Mora, 2000, p. 199).

A arte, portanto, é parte integrante da existência do mundo, passando por diversas transformações, no decorrer dos tempos, por meio do desenvolvimento humano, inclusive, como fornecedora de sentido. O que permanece constante na arte é a sua capacidade de ser uma maneira única de testemunhar o mundo. O ser humano, ao longo da história, tem registrado suas visões de mundo pelo intermédio de um olhar sensível e crítico sobre tudo o que os cerca.

Essa percepção ganha forma em diferentes expressões chamadas de obras de artes, assumindo vários formatos, como pinturas, esculturas, gravuras, desenhos, entre outros. Pela arte, o homem tem consciência de sua existência individual e social, se percebendo e se interrogando, sendo levado a interpretar o mundo e a si mesmo, além de permitir uma conexão profunda com emoções, culturas e histórias. Dessa forma, a arte transcende o tempo e o espaço, tornando-se uma linguagem universal que fala diretamente à alma.

Por meio dessa linguagem artística, permite-se uma comunicação capaz de ultrapassar barreiras linguísticas e culturais, criando um espaço onde sentimentos, ideias e sensações podem ser compartilhados e compreendidos de forma intuitiva. A arte convida o observador a uma experiência única, na qual cada interpretação é válida e pessoal, refletindo as diversas perspectivas humanas. Além disso, a arte tem o poder de provocar mudanças, inspirando novos pensamentos e questionando verdades estabelecidas, não apenas representando a realidade, mas também transformando, sendo assim, um reflexo dinâmico de aspirações, dores e sonhos de uma sociedade.

Platão, por meio de seus diálogos, e em especial em nossa obra de estudo, *A República*, procura definir o que é necessário para alcançar uma sociedade ideal, como já vimos, onde aposta na educação do homem, para que a alma possa ser liberta da prisão e da escuridão da caverna, que é a opinião comum. No Livro X da

referida obra, as ideias ali apresentadas, despertam o embate sobre a possibilidade do homem ser formado por meio do papel exercido pelas manifestações artísticas.

Em *A República*, no Livro II, Platão estabelece um confronto marcante entre arte e realidade, cujas implicações filosóficas se tornaram fundamentais. Considerando o caráter representativo da pintura e da escultura, o filósofo ateniense conclui que essas artes não apenas estão distantes da verdadeira Beleza⁹, a qual a inteligência humana busca conhecer, mas também que, em comparação com os objetivos da ciência, a atividade dos pintores e escultores é supérflua. Segundo Platão, o que eles produzem é inconsciente e ilusório, e isso contribui para o desvio dos cidadãos na busca pela verdade e pela justiça.

Sobre o referido confronto, diz-nos Nunes (1929-2011) a respeito da atitude de Platão em consideração a outras artes: “Platão observa que a Poesia e a Música exercem influência muito grande sobre os nossos estados de ânimo, e que afetam, positiva ou negativamente, o comportamento moral dos homens” (Nunes, 2003, p. 8). Platão expressa preocupações acerca do impacto dessas artes na formação do caráter dos cidadãos. Ele sugere que, por sua capacidade de moldar emoções, e por extensão, a moralidade, a poesia e a música deveriam ser reguladas para garantir que promovam virtudes e não vícios.

Platão propõe, ainda, que as artes devem servir ao propósito de edificar a alma e reforçar os valores da justiça e da temperança, ao invés de estimular paixões desordenadas. Essa visão influencia profundamente o pensamento estético e ético subsequente, levando filósofos e teóricos a debater sobre o papel da arte na vida pública e privada, tanto na Antiguidade quanto em períodos posteriores. Para compreendermos melhor a complexidade dessa discussão, abordaremos os aspectos gerais que envolvem a concepção de artes, em especial na Antiguidade Clássica, iniciando assim um estudo mais detalhado sobre as suas diferentes interpretações ao longo da história.

⁹ Sobre beleza, vale mencionar que há uma distinção entre arte e beleza. Em *O Significado da Arte*, de Herbert Read (1893-1968) é nos apresentado essa distinção que se segue: “[...] presumimos invariavelmente que tudo o que é belo é arte, ou que toda a arte é bela, que o que não é belo não é arte, e que a fealdade é a negação da arte. Esta identificação de arte e beleza está na raiz de todas as nossas dificuldades para uma verdadeira apreciação da arte, e mesmo em pessoas dotadas de uma sensibilidade aguçada para as impressões estéticas em geral esta hipótese actua como censor inconsciente em todos os casos particulares em que acontece a arte não ser bela. Porque a arte não é necessariamente bela!” (Read, 1931, p.17).

2.1 ASPECTOS PRELIMINARES ACERCA DA CONCEPÇÃO DE ARTES NA ANTIGUIDADE CLÁSSICA

A concepção de arte é um tema vasto e multifacetado que atravessa os séculos e diferentes culturas, refletindo o desenvolvimento do pensamento humano e das sensibilidades estéticas. Desde a antiguidade, a arte tem sido vista como uma forma de expressão que transcende a materialidade, funcionando como um meio de comunicação de ideias, emoções e valores. Ao longo dos séculos, diversas teorias filosóficas tentaram definir a arte e seu propósito, gerando um campo fértil para debates e reflexões.

Na Antiguidade Clássica, os gregos viam as artes como uma expressão fundamental da harmonia, beleza e ordem, refletindo tanto a perfeição física quanto a espiritual. As artes eram ligadas à ideia de *mimesis*¹⁰, ou imitação da natureza, onde a obra artística procurava representar de forma idealizada a realidade, inspirando um senso de equilíbrio e proporção. A escultura e a arquitetura, por exemplo, buscavam refletir a beleza do corpo humano e a simetria do universo, ao passo que o teatro, a música e a poesia desempenhavam um papel central na educação moral e cívica dos cidadãos.

Além disso, acreditavam que as artes estavam conectadas ao divino. A maioria das obras eram dedicadas aos deuses ou representavam figuras mitológicas, e os artistas eram vistos como inspirados pelas Musas¹¹, divindades responsáveis por guiar a criação artística. Essa ligação entre arte, o divino e a busca pelo ideal contribuíram para o florescimento de uma cultura artística que influenciaria profundamente as civilizações subsequentes.

O conceito de arte, entre os gregos na Antiguidade Clássica, e a noção que se tem dela, está vinculada a outros três conceitos: beleza, verdade e moralidade, cada qual com um significado. A beleza, para os gregos, que por sua vez tinha uma

¹⁰ “Em *A República*, no capítulo X, Platão expõe mais claramente seu conceito de arte. A arte em todas as suas expressões – poesia, retórica, pintura, escultura, plástica – é uma *mimesis* da realidade. Ou seja, sob o ponto de vista ontológico, a arte não passa de uma imitação do mundo sensível. A verdadeira realidade não se encontra no mundo sensível, mas no mundo inteligível das *ideias* eternas” (Teixeira, 1999, p.74-75).

¹¹ “As Musas, filhas de Zeus e Mnemosýne (a Memória), eram protetoras do pensamento, da linguagem e da poesia: Calíope, protetora da poesia épica, Clío, protetora da história, Érato, protetora da lírica coral, Euterpe, protetora da música, Melpômene, protetora da poesia trágica ou da tragédia, Polímnia, protetora da retórica, Tália, protetora da comédia, Terpíscore, protetora da dança, e Urânia, protetora da astronomia” (Chauí, 2002, p. 490).

forte perspectiva estética¹², refletia, também, uma harmonia entre forma e conteúdo, revelando a ordem do cosmos. A verdade estava relacionada à capacidade da arte de representar fielmente a realidade ou de evocar a essência das coisas, indo além das aparências para captar a natureza profunda do ser. Já a moralidade estava vinculada à função ética e educadora da arte, que deveria elevar o espírito e guiar as ações humanas, contribuindo para a formação de cidadãos virtuosos e para a construção de uma sociedade justa. Assim, a arte era vista como uma manifestação do ideal grego de *kalokagathia*, a unidade entre o bom e o belo, integrando estética, ética e conhecimento. Em relação a *kalokagathia*, diz-nos Nunes:

Platão determinou aos jovens de sua república que praticassem exercícios ginásticos, para terem o corpo bem conformado (beleza estética) e cultivassem, em contato com as artes musicais ou das musas, a harmoniosa conformação do espírito, que é a beleza moral (Nunes, 2003, p. 19).

A beleza¹³ está ligada à ideia de harmonia e proporção. Nas esculturas, buscava-se retratar de forma equilibrada o corpo humano, equilibrando perfeição física com uma representação do espírito. Na arquitetura, muito explorada pelos gregos, a busca pela beleza está intimamente associada à matemática, como na aplicação do número áureo no Parthenon, refletindo uma crença de que a ordem estética seguia as leis naturais do cosmos.

A arte, para os gregos, não se limita a uma mera interpretação do mundo visível, mas buscava revelar verdades universais. Platão argumenta que a arte deveria transcender as aparências para captar a essência das ideias, enquanto Aristóteles, seu discípulo, via a *mimesis* como uma forma de educar e aprimorar o entendimento da realidade. A tragédia grega, como forma artística, exemplifica essa busca pela verdade ao expor os dilemas morais e emocionais que permeavam a condição humana.

Já em relação à moralidade na arte, nota-se que a arte desempenha uma função moral essencial, encontrada especialmente nas tragédias e nos mitos que narra as histórias de deuses e heróis. As representações dramáticas de figuras como

¹² “O que caracteriza a Estética não é simplesmente o estudo do Belo. Os filósofos antigos trataram do assunto, empregando a noção de Beleza, [...], em muitas acepções. A originalidade da Estética, na qualidade de disciplina filosófica, é vincular esse estudo a uma perspectiva definida, já vislumbrada pelos tímidos teóricos das artes dos fins do século XVII e do século XVIII [...]” (Nunes, 2003, p. 11).

¹³ “A definição de beleza deve ser tal que não possa aplicar-se a nenhuma coisa feia (ou, mais rigorosamente, não bela)” (Chauí, 2002, p. 244).

Édipo e Antígona, por exemplo, não apenas entretêm, mas ensinam valiosas lições sobre virtude, justiça e o papel do destino.

Os três conceitos – beleza, verdade e moralidade – não operam de forma isolada na arte grega, mas estavam interligados de maneira harmoniosa. A busca pela beleza refletia uma verdade essencial sobre a ordem do universo, enquanto a arte servia simultaneamente como um meio de promover a virtude e o caráter. Essa concepção de arte como um todo integrado exerceu profunda influência na cultura ocidental, estabelecendo bases para a valorização da estética e da ética na produção artística de gerações posteriores.

Cumprido alertar que o conceito de arte tal como os gregos o empregam difere do que atualmente utilizamos. A noção de arte entre os gregos não se limitava às belas-artes¹⁴, mas abrangia qualquer atividade regida por regras específicas que levasse à produção de um resultado, normalmente uma obra. Isso incluía desde a escultura e a pintura até ofícios manuais e outras práticas, como a medicina, a retórica e a carpintaria.

A arte, nesse sentido, estava intrinsecamente ligada à técnica, ao conhecimento prático e à habilidade do indivíduo em aplicar princípios racionais em sua execução. Assim, o valor da arte grega residia não apenas no produto final, mas também no processo metódico e no domínio de regras que a regiam, refletindo uma visão mais ampla do fazer humano e sua relação com o mundo. No entanto, ao avançarmos para uma análise mais filosófica do conceito de arte, especialmente a partir da perspectiva de Platão, somos levados a compreender que sua concepção ultrapassa o simples ato técnico e envolve uma dimensão ontológica e epistemológica. Platão, ao discutir a arte, insere-a em um debate mais profundo sobre a verdade, a realidade e o papel das representações no conhecimento humano, temas que serão explorados no tópico a seguir.

¹⁴ “Ainda que o termo “belas-artes” não fosse utilizado no mundo antigo, pois sua origem data da modernidade, o empregaremos para designar as manifestações artísticas mais conhecidas tal como a pintura, escultura e as artes literárias em geral. A noção de arte sustentada pelos gregos era muito mais ampla do que nós atualmente empregamos. Para eles arte correspondia a uma ação regrada cujo resultado é sempre um produto” (Vares, 2010, p. 92, nota de rodapé nº1).

2. 2 A CONCEPÇÃO DE ARTE PARA PLATÃO

A arte, para o filósofo ateniense, desempenha um papel importante em sua filosofia, sendo vista como uma forma de imitação da realidade. O Mundo Sensível, para Platão, ou seja, o que é percebido pelos sentidos, é apenas uma cópia imperfeita do mundo das Ideias ou Formas, onde estariam as verdadeiras realidades. A arte, ao imitar a natureza, torna-se uma cópia da cópia, afastando-se ainda mais da verdade.

Para Platão, isso faz com que a arte não seja capaz de trazer conhecimento verdadeiro, mas apenas ilusões e enganos. Ele vê a arte, especialmente a poesia e a pintura, com desconfiança, pois admite que elas podem influenciar negativamente a alma humana, desviando-a da busca pelo bem e pela verdade. Em *A República*, Platão chega a sugerir a exclusão dos artistas da *pólis*, visto que a criação produzida por esses artistas e poetas pode corromper o caráter dos cidadãos.

A crítica que Platão faz à arte está relacionada intimamente à sua Teoria das Ideias, onde o mundo sensível é considerado uma cópia imperfeita do mundo das formas ou das Ideias. Para Platão, a arte, ao imitar o mundo sensível, encontra-se, portanto, duas vezes afastada da verdade, já que copia algo que já é, por si só, uma imitação imperfeita da realidade ideal.

Nesse aspecto, o que Platão pretende ao criticar a arte não é aboli-la por completo de Estado Ideal, mas deseja que ela seja colocada a serviço da formação do homem. Sendo assim, em seu Estado, “não será qualquer artista que dele fará parte” (Teixeira, 1999, p. 79). Diante disso, “os poetas e os artistas em geral em *A República* não podem ter guarida enquanto não se venha demonstrar que a arte, além de ser agradável, é também útil, isto é moralmente educativa” (Teixeira, 1999 *apud* Sciacca, 1962, p. 81).

Teixeira, em outra parte de seu livro, apresenta um trecho de diálogo em que Platão discute a pintura, afirmando que “a arte é uma aparência da aparência, portanto um simulacro da realidade” (Teixeira, 1999, p. 75). Nesse contexto, Platão critica a arte por se distanciar da verdade, já que imita aquilo que, por sua vez, já é uma imitação do mundo inteligível. A seguir, o excerto completo:

- Quanto ao imitador, chegamos, então, a acordo. Mas diz-me agora o seguinte, com relação ao pintor: parece-te que o que ele tenta imitar é cada uma das coisas que existem na natureza ou as obras dos artífices?
- As obras dos artífices.
- Mas tais como elas são, ou como parecem? Define ainda este ponto.

- Que queres dizer?
- O seguinte: se olhares para uma cama de lado, se a olhares de frente ou de qualquer outro ângulo, é diferente de si mesma, ou não difere nada, mas parece distinta? E do mesmo modo com os demais objectos?
- É como dizes: parece diferente, mas não é nada.
- Considera então o seguinte: relativamente a cada objecto, com que fim faz a pintura? Com o de imitar a realidade, como ela realmente é, ou a aparência, como ela aparece? É imitação da aparência ou da realidade?
- Da aparência.
- Por conseguinte, a arte de imitar está bem longe da verdade, e se executa tudo, ao que parece, pelo facto de atingir apenas uma pequena porção de cada coisa, que não passa de uma aparição. (Platão, 1987, 598a-b).

Esse diálogo revela a crítica profunda de Platão à arte, em especial à pintura, por considerá-la duplamente afastada da verdade. A pintura não representa a essência das coisas, mas apenas sua aparência superficial, ou seja, imita a percepção sensorial dos objetos, que já são cópias das ideias perfeitas e imutáveis encontradas no mundo das ideias. O conhecimento verdadeiro, para Platão, reside nas ideias, sendo acessadas por meio da razão, e não nas representações sensíveis. Assim, a arte, ao imitar essas representações, cria uma ilusão que se afasta da verdade, reforçando o distanciamento entre o ser humano e o conhecimento real.

Platão, a partir de seu pensamento em relação às artes, acaba por dividi-la em dois sistemas: produtivas e imitativas. As artes produtivas serão melhores apresentadas na obra *O Banquete*, também escrita por nosso filósofo ateniense em seu período de maturidade. As artes imitativas são aquelas que encontramos no decorrer da leitura do Livro X da nossa obra de estudo *A República*. Em si, “o que Platão nos apresenta não é sistema, mas sim, *métodos*, [...] como preparação de um caminho (*hódos*) para chegar a resultados” (Hamm, 2014, p. 58).

Vares, no artigo *O Problema da Arte no pensamento de Platão*, discute a concepção platônica de arte, problematizando certa interpretação comum entre comentadores que apontam Platão como um crítico das belas-artes. Platão, em muitos casos, é considerado como um inimigo da arte, mas através do belo, em sua filosofia, ele busca combater o que considera ser sua má utilização, reconhecendo, assim, sobre o caráter pedagógico da arte.

A relação que Platão possui com as artes é mais complexa do que uma simples condenação. Embora critique certas formas de arte por considerá-las imitações distantes da verdade, ele também reconhece o potencial pedagógico da arte quando esta é usada adequadamente. A busca pelo belo, em sua filosofia, não é uma

rejeição da arte em si, mas uma tentativa de direcioná-la para a elevação moral e intelectual, evitando seu uso corrupto que desvia da verdade e do bem.

Assim, para Platão, a arte não deve ser desprezada completamente, mas sim integrada ao seu projeto de formação ética e política, onde a educação da alma ocupa um papel central. Ele defende que a arte, quando alinhada aos princípios filosóficos, auxilia na contemplação das Formas, especialmente da Beleza e da Justiça, promovendo o desenvolvimento do homem em direção ao conhecimento verdadeiro. A função da arte, dessa maneira, em última instância, é servir como uma ferramenta a ser utilizada com discernimento, subordinada à busca pela verdade e pelo bem comum.

Dessa forma, fica evidente que a arte, na visão platônica, exerce uma visão importante, desde que esteja harmonizada com os valores éticos e políticos da sociedade. Não sendo um fim em si mesma, mas um meio para a elevação da alma, a arte deve estar a serviço da busca pelo conhecimento e pela virtude. Nesse contexto, torna-se essencial explorar as diferentes manifestações artísticas e compreender de que maneira elas podem contribuir para a formação integral do homem.

No próximo capítulo, debruçar-nos-emos sobre o papel da música na formação do homem. Será investigado como Platão e outros filósofos concebiam a música, não apenas como uma arte, mas como uma força capaz de moldar o caráter e influenciar a moralidade, desempenhando um papel crucial na educação e no desenvolvimento humano.

3 O PAPEL DA MÚSICA NA FORMAÇÃO DO HOMEM

*A música é capaz de abrir as mentes e os
corações à dimensão do espírito
e conduz as pessoas a levantar o olhar para o alto*
Bento XVI

Conforme discutido no capítulo primeiro de nosso estudo, vimos a importância da concepção de educação e formação para Platão, diferenciando ambas. Como nossa proposta nesta pesquisa gira em torno da relação entre música, educação e formação do homem a partir do pensamento do filósofo ateniense, reafirmamos neste derradeiro capítulo sua importância e a contribuição dela àqueles que de alguma maneira tem acesso a ela, que como vimos, pode ser acessado por meio das artes.

A música, ao longo da história da humanidade, sempre esteve presente como um elemento transformador na vida humana, transcendente e ideal para a formação do homem. Não limitada ao prazer ou à mera expressão artística, a música atua como um poderoso veículo de influência emocional e intelectual. Platão, e outros pensadores, acreditavam que a música, em um diálogo com o corpo e a alma, seria capaz de despertar virtudes e moldar o caráter, contribuindo para que haja equilíbrio entre emoção e razão. A investigação de sua função na formação do homem, assim, nos conduz a reflexões sobre a relação entre arte, ética e educação.

Este capítulo explorará como a música foi inserida no pensamento platônico, de forma pedagógica, enfatizando a sua importância na construção do ser humano integral. Analisaremos de que forma a música se apresenta como uma disciplina educativa, não apenas para o desenvolvimento de habilidades técnicas, mas para a edificação moral e emocional do homem. Ao entender seu impacto sobre a conduta e a capacidade de discernimento, compreenderemos por que, em várias culturas e épocas, mas especialmente a Antiguidade Clássica, ela foi considerada uma aliada indispensável na formação de cidadãos virtuosos e sociedades mais harmoniosas.

Conceituada como linguagem universal¹⁵, a música “age sobre o indivíduo e a massa; encontra-se não somente na história das revoluções senão também nas prisões de guerra. A música é, nas mãos dos homens, um feitiço” (Pahlen, 1965, p.

¹⁵ “O poeta americano Henry Wadsworth Longfellow, escreveu: “*A música é a linguagem universal da humanidade*” (Fonseca, 2017, p. 2).

15). Ainda nos diz Pahlen que esse efeito da música: “se estende desde o despertar dos mais nobres sentimentos até o desencadeamento dos mais baixos instintos, desde a concentração devotada até a perda da consciência que parece embriaguez” (Pahlen, 1965, p. 15).

A música desempenha uma função vital na formação das identidades, tanto individuais quanto coletivas. Ao se vincular a tradições, narrativas e recordações de um grupo, ela reforça laços culturais e ajuda na preservação de heranças imateriais. Cada gênero musical pode se tornar um emblema de pertencimento e resistência, simbolizando a busca por reconhecimento e valorização de uma cultura particular. Dessa maneira, a música não apenas espelha a realidade social, mas também a altera, servindo como um espaço de contestação, criatividade e renovação, onde diversas vozes encontram sua maneira de se expressar e reivindicar. Diz-nos Penna, em seu livro, como que a música se realiza:

Na medida em que alguma forma de música está presente em todos os tempos e em todos os grupos sociais, podemos dizer que é um fenômeno universal. Contudo, a música realiza-se de modos diferenciados, concretiza-se diferentemente, conforme o momento da história de cada povo, de cada grupo (Penna, 2015, p. 22).

Os antigos gregos eram um povo musical. A música tinha presença marcante na cultura grega sendo capaz de expressar todo tipo de pensamento e sentimentos. Na obra “*De tramas e fios: um ensaio sobre a música e educação*”, Fonterrada destaca uma característica forte a respeito dos gregos, a saber: “Desde o início da organização social e política grega acreditava-se que a música influía no humor e no espírito dos cidadãos e, por isso, não podia ser deixada exclusivamente por conta dos artistas executantes” (Fonterrada, 2008, p. 26).

Na Grécia Antiga, a ligação entre a música e a *pólis* era tão intensa que ela também desempenhava um papel educativo e formador. Pensava-se que a música influenciava o caráter e exercia um papel ético, incorporando-se à *paidéia*. A música tinha a função de cultivar virtudes e harmonizar a alma, além de empregada em rituais religiosos, celebrações e até na formação de soldados. Portanto, não se tratava apenas de uma arte contemplativa, mas de um instrumento potente para o equilíbrio social e espiritual, presente no dia a dia e na formação dos cidadãos desde a tenra idade.

Neste cenário, vários filósofos do período clássico da Antiguidade Grega dedicaram-se a ponderar sobre a importância da música na construção do indivíduo e da sociedade. Platão, nosso pensador ateniense, sobressaiu-se ao formular uma teoria que vinculava a música ao desenvolvimento moral e à formação do cidadão ideal. A sua perspectiva vai além do simples entretenimento, destacando a importância de ritmos e melodias apropriados para moldar a alma e ordenar as paixões. No tópico seguinte, exploraremos em maior profundidade a proposta platônica em relação à música, ressaltando como essa arte era concebida como um instrumento essencial para a construção de um homem virtuoso e de uma sociedade justa.

3.1 PROPOSTA PLATÔNICA EM RELAÇÃO A MÚSICA

Bohumil Med (1939-), em seu livro *Teoria da Música*, que é muito utilizado por músicos em formação ou profissionais da área musical, diz-nos que a música é “conceituada como a arte de combinar os sons simultânea e sucessivamente, com ordem, equilíbrio e proporção dentro do tempo” (Med, 1996, p. 11), sendo composta de melodia, harmonia, contraponto e ritmo, constituindo uma linguagem universal capaz de exprimir sentimentos e emoções de forma profunda, evocando memórias, transcendendo barreiras culturais e, também, formando e educando os homens para que obtenham valores intrínsecos em sua vida. Desempenha, ainda, um papel essencial na vida humana, acompanhando-os em celebrações, rituais e momentos de introspecção. Sua diversidade de formas e estilos reflete a pluralidade das experiências humanas, fazendo dela não apenas uma manifestação artística, mas também um elo entre diferentes culturas e gerações.

Na Antiguidade Clássica, a música, no grego *Mousiké*¹⁶, ou também a arte das Musas, possuía uma função purificadora, colocando o corpo e o ser em equilíbrio, harmonizando-os com a ordem cósmica, e preparando-os para a aparição do divino. Era considerada como uma segunda língua, capaz de expressar todo tipo de

¹⁶ A própria origem da palavra grega *mousiké* possui uma visível relação com a “palavra cantada”. Lia Tomás (2002) argumenta que a construção da teoria musical dos gregos não foi pensada apenas da óptica formal ou técnica, por não buscarem unicamente o entendimento daquilo que se escuta. Segundo a autora “ela é uma parte da *mousiké*, um conceito matricial que engloba tudo o que envolve uma presença sonora – o canto, as palavras, as danças, a matemática e seus derivados” (Tomás, 2002, p.109 *apud* Torres; Sousa, 2017, p. 94).

pensamentos e sentimentos. Também era capaz de imitar os estados da alma, com suas emoções e virtudes. E, a cada modo musical, era atribuído um *éthos*¹⁷, um caráter específico que o ouvinte associava de imediato a um significado psíquico, infundindo ânimo e potencializando virtudes do corpo e do espírito.

A Grécia, como já vimos, fora a precursora ao buscar o valor da música e da educação musical, sendo sempre uma forte referência para o Ocidente. Na cultura grega, a música desempenhava um papel central na formação do cidadão ideal, integrando-se à filosofia, à ética e ao desenvolvimento físico e psicológico. Platão e Aristóteles destacavam sua importância na educação e na construção do caráter, enquanto outros filósofos, como por exemplo Pitágoras, a associava à harmonia do cosmos, entre outros.

Sólón (638 a.C – 558 a.C), estadista e legislador grego, e que era da parentela de Platão por parte de sua mãe, sob a sua legislatura “esperava-se promover a moral e a cidadania responsável, base do bem comum, do poder e da fama do Estado, por meio da educação musical” (Fonterrada, 2008, p. 27). Sólón acreditava que a música desempenhava um papel fundamental na formação ética e cívica dos cidadãos, pois, ao harmonizar a mente e as emoções, os homens eram preparados para agir de forma justa e equilibrada. Portanto, a música e as artes, para Sólón, eram instrumentos essenciais para moldar cidadãos conscientes e engajados no bem-estar da *pólis*, reforçando os valores que sustentariam a estabilidade e a prosperidade do Estado.

Platão carrega consigo essa herança de Sólón a respeito da construção do Estado Ideal fundamentado na música. É por isso, que ao fundar a Academia, em 387 a. C, ele insere na “grade curricular” a ginástica e a música, acreditando que ambas são indispensáveis para a formação do cidadão ideal. A ginástica contribuiria no fortalecimento do corpo, preparando-o para a disciplina e a coragem, enquanto a música seria responsável pelo cultivo da alma, promovendo harmonia, equilíbrio emocional e o desenvolvimento do caráter. Para Platão, a educação completa exige a união dessas duas dimensões, pois apenas com o corpo e a alma bem preparados seria possível alcançar a excelência (*arethé*) e, conseqüentemente, a justiça, que é o fundamento do Estado ideal.

¹⁷ “*Éthos/Êthos*: essas duas palavras derivam de uma mesma raiz que assume, em cada uma delas, vocalismo diferente: *éthos* (e breve fechado) e *êthos* (e longo aberto). *Êthos* significa: costume, uso, hábito. [...] *Éthos* se refere ao costumeiro” (Chauí, 2002, p. 500-501).

Em seu pensamento e filosofia, Platão emprega a música para moldar a alma dos jovens e instruí-los sobre a vida trilhando o caminho da honestidade e da justiça, criando uma perfeita harmonia no indivíduo e, conseqüentemente, na cidade. Esta equivalência entre cidadão e cidade está ligada à dimensão ética da filosofia platônica e à abrangência social, pois essas duas estruturas não podem ser analisadas de forma isolada. No Livro II, de *A República*, encontra-se o momento em que Sócrates faz menção de como o cidadão deve ser educado, aparecendo, assim, a música em questão. Segue o trecho:

- Ora vamos lá! Eduquemos estes homens em imaginação, como se estivéssemos a inventar uma história e como se nos encontrássemos desocupados.
- É o que nós devemos fazer.
- Então que educação há- de ser? Será difícil achar uma que seja melhor do que a encontrada ao longo dos anos – a ginástica para o corpo e a música para a alma?
- Será, efectivamente.
- Ora, começaremos por ensinar primeiro a música do que a ginástica?
- Pois não!
- Inklus na música a literatura, ou não?
- Decerto.
- Mas há duas espécies de literatura, uma verdadeira e outra falsa!
- Há.
- E ambas serão ensinadas, mas primeiro a falsa?
- Não entendo o que queres dizer.
- Não compreendes – disse eu – que primeiro ensinamos fábulas às crianças? Ora, no conjunto, as fábulas são mentiras, embora contenham algumas verdades. E servimo-nos de fábulas para as crianças, antes de as mandarmos para os ginásios.
- Assim é.
- Pois era isso o que eu dizia, que se deve começar pela música, antes da ginástica.
- Perfeitamente (Platão, 1987, 376d -377a).

Platão, nesse trecho de *A República*, destaca a importância da música e da educação literária como os primeiros pilares da formação do cidadão. A música, nesse contexto, não se restringe à melodia e ritmo, mas inclui também a literatura, compreendida como um meio simbólico de transmitir valores. As fábulas são apresentadas como instrumentos pedagógicos essenciais para moldar a alma das crianças, preparando-as moralmente antes de se engajarem em atividades físicas. A sequência sugerida – música primeiro e ginástica depois – revela uma hierarquia onde a educação do espírito precede a do corpo, indicando a primazia da ética e do caráter sobre a força física.

Essa concepção educacional reflete a visão integral de Platão, segundo a qual a harmonia interna do homem é fundamental para a ordem social. Ao unir música e ginástica, ele estabelece uma independência entre mente e corpo, que se traduz no equilíbrio entre razão e emoção. Dessa união entre música e ginástica diz-nos Teixeira:

Ambas, ginástica e música, juntas foram estabelecidas em atenção à alma. Cada uma, a seu modo, ajudará o educando naquilo que possui de melhor de si, mas conservando aquilo que possui de particular. Privilegiar uma, em detrimento da outra, ocasionará uma educação unilateral. [...] Por isso, música e ginástica são dois ingredientes importantes na educação dos jovens (Teixeira, 1999, p. 80).

A partir dessa perspectiva, a educação platônica busca formar homens completos, capazes de desenvolver tanto suas virtudes intelectuais quanto físicas, promovendo um crescimento harmonioso. A música, ao moldar a sensibilidade e cultivar a alma, e a ginástica, ao fortalecer o corpo e disciplinar à vontade, atuam conjuntamente na formação do caráter. Essa integração visa evitar extremos – como o intelectualismo desprovido de sensibilidade ou a força física sem direção moral – e assegurar que o ser humano alcance uma plenitude que o torne apto a contribuir para o bem da sociedade e para a manutenção da justiça e da ordem coletiva.

Um outro ponto que podemos destacar sobre a educação musical é que Platão não mostrava interesse em se aprofundar no estudo da técnica musical, mas sim na música com significado. Para os gregos, o que confere sentido à música é a palavra, o *logos*. O canto e a poesia, integrados à melodia e ao ritmo, tinham a função de educar a alma e harmonizá-la com as virtudes. Torres e Sousa, no artigo “*Mousiké: educação musical e formação moral em A República de Platão*”, nos diz que: “Música e *logos* formam um duo indissociável. Se as palavras emitem um significado, quando sozinhas ou formando frases, a música por sua vez emite um *éthos*, ou seja, um comportamento, um caráter da alma” (Torres; Sousa, 2017, p. 97).

A música, por carregar um *éthos*, é capaz de influenciar a alma dos jovens, moldando suas disposições e inclinando-os para determinados comportamentos. Assim, Platão propõe que o contato com harmonias e ritmos adequados pode orientar o homem em direção à virtude, enquanto melodias dissonantes ou desregradadas teriam o efeito oposto, corrompendo o caráter. Dessa forma, a educação musical, para Platão, assume um papel crucial na formação do cidadão, devendo ser

cuidadosamente regulada para garantir que os jovens adquiram inclinações morais corretas.

Para evitar desvios, seria necessário restringir o acesso a certos estilos musicais que pudessem incitar excessos emocionais ou desordem interna. A boa música, segundo essa visão, não apenas agrada aos ouvidos, mas também cultiva a temperança, a coragem e a justiça, valores essenciais para a construção de uma sociedade ideal.

Com o intuito de compreender o alcance das influências e das potencialidades que a música exercia na vida dos gregos, Platão identifica e categoriza três tipos de melodias: Lírica, Frígia e Dórica. A distinção entre elas residia nos intervalos entre os tons e na altura das notas que cada uma utilizava. Cada uma dessas melodias era associada a estados emocionais e funções sociais específicas, influenciando os homens e fazendo-os refletir a importância da música na educação e na formação moral dos cidadãos.

A melodia Lírica era vista como delicada e suave, apropriada para momentos de descanso e introspecção, cultivando sentimentos de serenidade. A Frígia, era marcada por sua expressividade e intensidade emocional, sendo mais frequentemente utilizada em contextos religiosos ou rituais místicos, estimulando estados de êxtase e inspiração. Por outro lado, a Dórica, de caráter austero e equilibrado, era considerada ideal para promover disciplina e coragem, sendo valorizada especialmente nas práticas militares e na educação dos jovens. A seguir, segue o trecho em que a melodia Dórica é retratada no pensamento platônico:

De harmonia nada entendo, lhe falei; mas resta-nos a modalidade indicada para imitar como convém a voz e a expressão do indivíduo que se comporta virilmente na guerra ou em qualquer situação difícil, e que, ao perceber em perigo sua causa, seja para ir de encontro a ferimentos e à morte, seja quando se vê a braços com qualquer com qualquer outra infelicidade, persevera no seu posto e enfrenta resolutamente a sorte adversa (Platão, 2000, 399 a- b).

“Alguns ritmos chegam a ser proibidos, assim como certos instrumentos e inovações musicais”¹⁸. Dessa forma, Platão não apenas reconhecia o poder estético da música, mas a via como um instrumento pedagógico e ético capaz de moldar o

¹⁸ SILVA, Paulo da Costa e. Platão e o poder da música. Piauí, 2016. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/platao-e-o-poder-da-musica/> Acesso em: 21 de out. 2024.

caráter, influenciando na vida pública e privada dos indivíduos na *pólis*. Diz-nos Rocha Júnior: “se a música tinha esse poder de influenciar na formação de uma alma, ela também poderia ter um papel importante na formação e na manutenção da ordem interna de uma *pólis*” (Rocha Júnior, 2007, p. 36). No próximo tópico, onde exploraremos a transformação social, o acesso aos valores e virtudes¹⁹ por meio da música, destacaremos o impacto da musicalidade na construção de comunidades mais justas e harmoniosas.

3. 2 A TRANSFORMAÇÃO SOCIAL, O ACESSO AOS VALORES E VIRTUDES POR MEIO DA MÚSICA EM PLATÃO

Exercendo um papel fundamental na transformação social e transcendendo barreiras culturais, a música promove inclusão e reflexão em grupos, comunidades ou em seus admiradores. Como forma de expressão universal, ela facilita o encontro entre diferentes realidades e sensibiliza para questões sociais, funcionando como uma ferramenta de conscientização. Assim, a música se apresenta como um agente transformador, moldando mentalidades e fomentando um ambiente mais justo e colaborativo.

A música ainda pode transmitir e reforçar valores e virtudes²⁰ fundamentais para a formação ética e moral dos homens. O contato com obras musicais que expressam empatia, coragem, respeito e esperança ajuda a despertar a sensibilidade e a reflexão sobre as relações humanas. Em ambientes educacionais e sociais, o aprendizado musical pode desenvolver habilidades como disciplina, trabalho em grupo e resiliência, o que favorece o desenvolvimento integral das pessoas. Sendo assim, o acesso à música é um método eficaz de construção de valores fundamentais para a convivência harmônica e o progresso coletivo.

Platão, em sua filosofia, divide a música em dois tipos: a primeira é aquela que se pode ouvir e a segunda, não. A primeira é a música sensível, ou seja, aquela

¹⁹ “Outro conceito filosófico importante é a ideia de virtude. Para Platão, a virtude é o que há de mais precioso, pois somente sendo virtuoso o homem poderia encontrar a felicidade” (Kawaguchi, Patricia. A visão de Platão sobre a música e a educação. 2012. Disponível em: <http://nocmoon.com/2012/07/a-visao-de-platao-sobre-a-musica-e-a-educacao>. Acesso em: 05 nov. 2024).

²⁰ De todas as obras escritas por Platão, três delas é sobre a virtude, a saber: “*Crítion*: sobre a virtude e elogio da moral socrática; *Mênomo*: sobre a virtude e o saber e *Protágoras*: sobre o ensino da virtude” (Chauí, 2000, p. 230). “Em Platão, a virtude é o equilíbrio interior e a autarquia, a independência, que somente o saber poder trazer” (Chauí, 2002, p. 301).

que é produzida por instrumentos e vozes e percebida pelos sentidos. A segunda música é aquela que não pode ser ouvida fisicamente, mas que é inteligível e transcendental. Essa música audível é considerada a harmonia ideal das esferas, uma ordem matemática e cósmica que rege o universo e somente é percebida pelo intelecto. Platão, ao analisar a música audível, conclui que ela é uma reprodução imperfeita da harmonia superior, refletindo a busca incessante da alma por ordem, beleza e conhecimento do mundo das ideias.

Dessa forma, a música sensível desempenha um papel educativo na formação do caráter e na harmonia da alma, alinhada à ética platônica. Não se limita ao aspecto estético, mas também ao seu potencial de influenciar comportamentos e inclinar as emoções para o equilíbrio desejado. Contudo, Platão alerta que a música, se mal utilizada, pode causar danos à alma, causando a desordem e a confusão interna. A música deve, portanto, ter uma estrutura que favoreça a disciplina e a razão, pois, dessa forma, ela será capaz de refletir, ainda que de forma limitada, a harmonia perfeita do mundo inteligível, o que o ajudará a se aproximar da verdade e do bem.

A educação musical, de acordo com Platão, se for bem direcionada, é capaz de promover virtudes e moldar cidadãos para que ajam de acordo com o bem comum. Ao selecionar cuidadosamente os estilos e ritmos musicais, é possível incentivar a perseverança, a ternura e a prudência. Momentos mais suaves ou muito emotivos, capazes de despertar paixões descontroladas, são considerados prejudiciais, pois desviam a alma da racionalidade. Dessa forma, a música se integra à formação integral do homem, contribuindo para o equilíbrio entre razão e emoção, preparando-o não somente para a vida pessoal, mas também para atuar de forma justa na pólis.

Rocha, em seu artigo *Uma introdução à teoria musical na Antiguidade Clássica*, fornece uma introdução à teoria musical elaborada pelos gregos explicando o conceito de *mousiké*, *harmonia*, *tonos*, *systema* e outros. Segundo Rocha, “o vocabulário da teoria musical grega tem suas origens na prática dos instrumentos de corda, tais como a lira e a cítara” (Rocha, 2009. p. 147). A respeito da produção de instrumentos musicais, segue-se um trecho de quais instrumentos seria interessante utilizar pelos cidadãos e camponeses:

- Sendo assim, não precisaremos sustentar fabricantes de triângulos e de harpas ou de instrumentos outros de muitas cordas, capazes de todas as harmonias.
- Parece-me que não.

- E agora: admitirás na cidade fabricantes ou tocadores de flauta? Não é a flauta o instrumento da maior quantidade de sons, não passando de simples imitação dela os instrumentos de muitas harmonias?
- É evidente, respondeu.
- Restam-te, por conseguinte, observei, para uso na cidade, apenas a lira e a cítara, e, para os pastores do campo, uma espécie de flauta de Pan.
- Pelo menos, é a conclusão a que nos leva nosso argumento. (Platão, 2000, 399 d).

A discussão apresentada reflete uma perspectiva normativa sobre a função dos instrumentos musicais na *pólis*, característica da filosofia grega antiga, notavelmente moldada pelas ideias do filósofo ateniense. A seleção limitada de instrumentos, como a lira e a cítara para a cidade, e a flauta de Pan para os camponeses, indica que a música deve transcender o mero entretenimento, assumindo também uma função pedagógica e moral. Instrumentos de múltiplas cordas e ampla gama sonora, como a flauta e a harpa, são desconsiderados por produzirem excessos que poderiam comprometer a ordem e a harmonia da *pólis*.

Essa perspectiva evidencia a inquietação dos filósofos gregos acerca da música enquanto meio de formação ética e social. A restrição a um repertório instrumental revela a busca por uma simplicidade que promova a harmonia tanto interior quanto coletiva, evitando a dispersão emocional que instrumentos mais complexos poderiam incitar. A música, assim, é vista como parte de um ideal educativo que almeja formar cidadãos equilibrados, preparados para cumprir e exercer suas funções na *pólis*.

A partir desse aspecto, poderemos tentar conhecer o poder da música e como ela pode atuar em relação à alma, já que a sua função está intimamente ligada a formação da alma. Mesti, em seu artigo *Os poderes da música e a alma em Platão: tons, movimentos e harmonia*, tem como objetivo “reconstruir os exemplos musicais pontualmente utilizados por Platão para falar de alma na *República* e mostrar a complexa teoria da tripartição da alma” (Mesti, 2015, p. 3).

A partir dessa abordagem, é possível compreender que, em Platão, a música desempenha seu papel educativo e formador. Tendo a capacidade de influenciar as diferentes partes da alma – a racional, a irascível e a apetitiva – a música promove o equilíbrio e a harmonia entre elas. A teoria da tripartição da alma sugere que cada parte tem suas funções específicas e que a educação musical é essencial para orientar essas forças internas de maneira adequada.

Caso esse sistema de educação musical, que é encarregado de manter e transmitir certo caráter ao homem venha a ser rompido, a alma estará privada de receber os adequados elementos que a nutrem, sendo, assim, “abandonada às más influências do meio e de sua natureza inferior” (Teixeira, 1999, p. 86). Teixeira nos mostra o que acontece quando ocorre essa desnutrição da alma no trecho que segue:

Nos livros VIII e IX de *A República*, tem-nos mostrado Platão, em uma série de quadros, a queda da alma humana, tanto no indivíduo como na sociedade. Nessa representação do crescente desenvolvimento do mal, se segue um descuido chocante e um abandono gradual da educação musical (Teixeira, 1999, p. 86).

Teixeira ao referir-se à obra de Platão, destaca a importância da educação musical para o cultivo do caráter humano e o impacto profundo que sua ausência pode gerar. A analogia com a “desnutrição da alma” sugere que, sem uma formação apropriada, o homem torna-se suscetível a influências negativas, tanto internas quanto externas.

No contexto de *A República*, Platão descreve nos livros VIII e IX, a degeneração da alma e, por extensão, da sociedade, à medida que elementos fundamentais, como a educação musical, são abandonados. Essa educação, como vimos, não é apenas técnica; é um mecanismo essencial para alinhar as emoções e paixões humanas ao bem e à ordem.

A falta de um sistema de ensino que nutra a alma promove um cenário de desordem, onde o indivíduo e a sociedade estão mais vulneráveis a impulsos destrutivos e egoístas. Portanto, “a educação consistirá num método adequado que venha proporcionar à alma das pessoas em questão o alimento natural e próprio. Assim como o corpo, a alma possui seus próprios nutrientes” (Teixeira, 1999, p. 93).

Dessa forma, a educação transcende a mera transmissão de conhecimento técnico e posiciona-se como um caminho essencial para a formação integral do ser humano. Nutrindo a alma, a educação não apenas molda o intelecto, mas também cultiva valores, emoções e o senso de coletividade, elementos que são fundamentais para a construção de uma sociedade mais harmônica.

Sem essa base, o sistema educacional falha em preparar o indivíduo para lidar com as complexidades e os desafios da vida em comunidade, resultando em uma sociedade suscetível a comportamentos destrutivos. Assim, a educação deve ser

compreendida como um processo integral e contínuo, que supre as necessidades internas do ser e o capacita a agir com empatia e responsabilidade.

A música, para Platão, é uma ferramenta indispensável para a *paidéia*, o processo educativo que forma o cidadão e o filósofo. Ele insiste: "Tal coisa não deve louvar-se nem entender-se assim, porquanto deve ter-se cuidado com a mudança para um novo gênero musical que pode pôr tudo em risco" (Platão, 1987, 424c). E prossegue: "É que nunca se abalam os gêneros musicais sem abalar as mais altas leis da cidade, como Dâmon afirma e eu creio" (Platão, 1987, 424c).

Pierre Hadot (1922-2010), em seu livro *O que é a filosofia antiga?* (1999) explora como que os antigos pensavam a filosofia como uma prática de vida e o seu impacto nas instituições e tradições, incluindo aspectos como a estabilidade cultura e moral. Dessa forma, em relação a música, interpreta essa postura como uma defesa da permanência das formas musicais e educativas tradicionais, já que mudanças nas artes musicais poderiam levar a transformações imprevisíveis na estrutura moral e política da sociedade. A estabilidade musical, para Hadot, é uma salvaguarda da estabilidade da *pólis*.

Hadot (1999), argumenta que a música, ao refletir o *éthos* e os valores da sociedade, exerce um papel educativo e formativo profundo. Por isso, a preservação das formas tradicionais não é uma questão de aparência, mas essencial para a coesão social e moral. Ele sugere que, assim como a filosofia antiga buscava a harmonia interior do indivíduo, a música tradicional promove uma harmonia coletiva. Alterações drásticas ou experimentações excessivas, portanto, poderiam romper essa harmonia e introduzir uma desordem perigosa, tanto no espírito dos cidadãos quanto na ordem política.

O que podemos perceber a partir das seguintes contribuições apresentada neste derradeiro capítulo é que a filosofia de Platão atribui à música uma função fundamental na formação do caráter e da moral do homem, refletindo a visão grega de que a educação deve harmonizar o corpo e a alma.

A música, para Platão, vai além de uma prática artística, onde essa age diretamente sobre a alma, influenciando suas inclinações e moldando suas disposições para a virtude. Nesse sentido, a música é um dos pilares da educação ideal, capaz de inspirar o amor pelo bem e a busca pela sabedoria, que são indispensáveis para o desenvolvimento de uma sociedade justa.

Uma seleção cuidadosa de ritmos e harmonias, que formam a proposta platônica de música, é capaz de promover as virtudes tais como a coragem, a temperança e a justiça, afastando os excessos e as paixões desregradas. Essa seleção revela o caráter pedagógico da música em Platão, que reconhece o poder dessa arte que modela a alma desde a juventude.

Ao conectar o ouvinte a música, valores elevados são alcançados, preparando aquele que se conecta a ela a uma realidade que o prepara para assumir papéis de responsabilidade dentro da *pólis*. Por essa razão, Platão defende a regulação da música e de seus modos, com o intuito de preservar o bem-estar moral dos cidadãos e proteger a harmonia coletiva.

A música, no contexto platônico, não é um reflexo da ordem social apenas, mas também um meio pelo qual essa ordem possa ser alcançada. Platão acredita que, ao infundir a alma com ritmos e harmonias que ressoam com as Ideias do bem e da justiça, a música ajuda a estabelecer uma ordem interna que reflete a harmonia ideal da *pólis*. Dessa maneira, a música contribui para a coesão social, pois ao disciplinar o homem, ela prepara o caminho para que ele seja um cidadão virtuoso e dedicado ao bem comum.

Em última análise, Platão concebe a música como um elo entre homem e *pólis*, por qual os valores e virtudes são transmitidos e cultivados. Assim, a educação musical torna-se um dos elementos centrais para alcançar a excelência humana, ou a *arethé*, permitindo que cada pessoa viva em consonância com o bem. A partir dessa visão, Platão oferece uma perspectiva na qual a música é tanto um agente de formação interior quanto uma ferramenta de transformação social, que, em conjunto com a filosofia e a ginástica, compõe o alicerce de uma educação integral e essencial para a construção do Estado Ideal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho, em seus três capítulos, acompanhado de dois subtópicos por seção, analisou a importância da música na formação do homem segundo a filosofia de Platão, em sua obra *A República*, explorando como que essa arte exerce um papel estruturante na educação e na construção do caráter moral e cívico dos indivíduos. Em Platão, vimos que a música é entendida como uma força educativa essencial, que ultrapassa os festivais dionisíacos para tornar-se um meio de conduzir o homem à sabedoria, à justiça e ao bem.

Ao longo do estudo, observamos que a concepção platônica de formação transcende a instrução técnica ou intelectual, envolvendo a alma em uma transformação integral que une corpo e espírito. Essa abordagem integra a educação musical à ginástica e à filosofia, em uma harmonia que prepara o cidadão ideal tanto para a vida privada quanto para a esfera pública.

No pensamento platônico, a música tem o poder de moldar disposições da alma e, com isso, despertar virtudes fundamentais como a temperança, a coragem e a justiça. Essa arte, regulada por ritmos e harmonias adequados, evita os excessos e as paixões desordenadas, ordenando as emoções e guiando o homem para a vida virtuosa.

Platão considera que a música correta pode equilibrar as paixões e a razão, formando cidadãos com autocontrole, que estão, assim, mais preparados para contribuir com uma sociedade justa e harmoniosa. Esse aspecto faz da música uma ferramenta ética, que atua como pilar na educação do futuro guardião da cidade ideal, cuja alma deve estar purificada e preparada para agir de acordo com os interesses do bem comum.

O estudo ainda abordou como Platão diferencia educação de formação, destacando que a verdadeira formação, ou *paideia*, visa moldar a alma em busca da justiça, da sabedoria e do bem. Nesse processo, a música possui um lugar de destaque, pois é capaz de influenciar diretamente o desenvolvimento da alma, colaborando para que o indivíduo se oriente na busca da virtude. Na sociedade ideal platônica, a música está inserida no sistema educacional junto à ginástica, cada qual desempenhando seu papel no desenvolvimento integral do homem.

Platão ainda salienta a importância da escolha cuidadosa dos modos musicais e estilos de arte, enfatizando que melodias e ritmos adequados auxiliam na formação

moral, enquanto aqueles que incitam emoções desordenadas podem prejudicar o caráter. Esse cuidado com a formação por meio das artes revela o quanto Platão via a educação musical como uma estratégia educativa para garantir a virtude e o bem-estar da sociedade. Essa educação musical promove, assim, uma conexão entre o belo e o bem, que são inseparáveis na educação do homem justo. Harmonizando o indivíduo com as Ideias do bem e da justiça, a música permite uma transformação que se reflete na vida pública e na organização social.

Concluimos, portanto, que a visão platônica da música é a de uma arte essencial para a educação integral e que seu valor reside em conduzir a alma à perfeição moral e espiritual. A partir deste estudo, compreendemos que, para Platão, a música possui uma função ética e política que vai muito além do que se convencionou atribuir às artes em geral. Em um tempo onde a formação ética e o fortalecimento da vida em comunidade enfrentam desafios, o pensamento platônico oferece uma perspectiva na qual a educação, por meio da música, pode reorientar o homem moderno em direção a um ideal de vida virtuosa e responsável.

Em suma, a música, na visão de Platão, é um instrumento de transformação interior que, ao mesmo tempo, conduz a sociedade à realização do bem comum, oferecendo uma base sólida para o desenvolvimento de uma *pólis* verdadeiramente justa e harmoniosa, onde o homem encontra seu propósito ético e contribui para o bem comum.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- ABBAGNANO, Nicola. **História da Filosofia**. 5. ed., v.1., Tradução de Antônio Borges Coelho; Franco de Sousa; Manuel Patrício. Lisboa: Editorial Presença, 1991.
- ALVES, Daniel Figueiras. **A educação em Platão: a formação do guardião por meio da música na obra A República**. Campinas, SP. [s.n.], 2010.
- CHAUÍ, Marilena. **Introdução à história da filosofia**. Dos pré-socráticos a Aristóteles. 2. ed. rev. e ampl., v.1. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. Disponível em: <<https://edisciplinas.usp.br/mod/resource/view.php?id=2963268>> Acesso em: 17 jul. 2024.
- FERNANDES, Iorlando Rodrigues. **Ascensão dialética no Banquete: a importância de Eros e Logos no processo do conhecimento do Belo**. São Paulo: Paulus, 2015.
- FONSECA, Isabelle Christina Teixeira. **A música como linguagem e comunicação à luz do estudo teológico – pastoral**. Departamento de Teologia. PUC-RIO, 2017, p. 1-8. Disponível em: <https://www.puc-rio.br/ensinopesq/ccpg/pibic/relatorio_resumo2017/relatorios_pdf/ctch/TEO/TEO-Isabelle%20Christina%20Teixeira%20Fonseca.pdf> Acesso em: 22 de out. 2024.
- FONTEERRADA, Marisa Trench de Oliveira. **De tramas e fios: um ensaio sobre a música e a educação**. 2. ed. São Paulo: Editora Unesp; Rio de Janeiro: Funarte, 2008.
- HADOT, Pierre. **O que é a filosofia antiga?** 6. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1999.
- HAMM, Christian Viktor. Platão como artista. **Revista Archai: as origens do pensamento ocidental**. Annablume Clássica: Imprensa da Universidade de Coimbra, n. 12, jan./ jun. 2014, p. 61-67.
- JAEGER, Werner W. **Paidéia: a formação do Homem Grego**. 6. ed. Tradução de Artur M. Parreira. São Paulo: Martins Fontes, 2013.
- MARCONDES, Danilo. **Iniciação à História da Filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein**. 7. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2012.
- MED, Bohumil. **Teoria da Música**. 4ª ed. revis. e ampl. Brasília, DF: Musimed, 1996.
- MESTI, Diogo Norberto. Os poderes da música e a alma em Platão. **Artefilosofia: Revista de Estética e Filosofia da Arte do Programa de Pós-graduação em Filosofia - UFOP**, v. 10, n. 19. p. 1-271, 2015. Disponível em: <<https://periodicos.ufop.br/raf/issue/view/48>> Acesso em 29 out. 2024.

MORA, José Ferrater. **Dicionário de Filosofia** – Tomo I (A-D). São Paulo: Edições Loyola, 2000.

MOSSÉ, Claude. **Atenas: a história de uma democracia**. Tradução de João Batista da Costa. 3. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1997.

NOGUEIRA, Sandro dos Santos. A Educação na Alegoria da Caverna de Platão. XIII SEMOC – **Economia e Vida: Convergências e Divergências** – UCSAL. 2010.

Disponível em:

<https://www.academia.edu/5960067/A_EDUCA%C3%87%C3%83O_NA_ALEGORIA_DA_CAVERNA_DE_PLAT%C3%83O> Acesso em: 17 jul. 2024.

NUNES, Benedito José Viana da Costa. **Introdução à Filosofia da Arte**. São Paulo: Ática, 2003.

OLIVEIRA, Damião Bezerra; ABREU, Waldir Ferreira de. Conhecimento, arte e formação na *República* de Platão. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 41, n. 1, p. 203-215, jan./mar. 2015. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/ep/a/9Sq8B3qwZWsvMDpYBhdCs3N/?lang=pt>> Acesso em: 20 jul. 2024.

PAHLEN, Kurt. **História Universal da Música**. Tradução de Aldo Della Nina. 5. ed. revista e anotada por José da Veiga Oliveira. São Paulo: Melhoramentos, 1965.

PENNA, Maura. **Música(s) e seu ensino**. 2 ed. rev. e ampl. Porto Alegre: Sulina, 2015.

PLATÃO. **A República**: introdução, tradução e notas de Maria Helena da Rocha Pereira. 9. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1987.

PLATÃO. **A República** (ou: sobre a Justiça. Gênero Político). 3. ed. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Belém: EDUFPA, 2000.

PLATÃO. **Diálogos/Platão**. Seleção de textos de José Américo Motta Pessanha. Tradução e notas de José Cavalcante de Souza; Jorge Paleikat; João Cruz Costa. 5.ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991. (Coleção Os Pensadores).

READ, Herbert. **O Significado da Arte**. Tradução de A. Neves - Pedro. Lisboa: Editora Ulisseia, 1931.

REALE, Giovanni. **História da Filosofia Antiga**: volume II. Platão e Aristóteles. Tradução de Henrique Cláudio de Lima Vaz; Marcelo Perine. São Paulo: Loyola, 1994.

ROCHA, Roosevelt. Uma introdução à teoria musical na Antiguidade Clássica. **Via Litterae**: Revista de Linguística e Teoria Literária, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 138–164, 2009. Disponível em: <<http://www.revista.ueg.br/index.php/vialitterae/article/view/4565>> Acesso em: 26 out. 2024.

ROCHA JÚNIOR, Roosevelt Araújo da. Música e Filosofia em Platão e Aristóteles. **Revista Discurso**, n. 37, 2007, p. 29-53.

ROSS, David. **Plato's theory of ideas**. Connecticut: Greenwood, 1976.

TEIXEIRA, Evilázio F. B. **A educação do homem segundo Platão**. São Paulo: Paulus, 1999.

TOMÁS, Lia Vera. **Ouvir o logos: música e filosofia**. São Paulo. Editora UNESP: 2002.

TORRES, Alfredo Werney Lima; SOUSA, José Renato de Araújo. *Mousiké: educação musical e Formação moral em A República de Platão*. **Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação**. n. 28: maio/out. 2017, p. 93-103.

VARES, Sidnei Ferreira de. O Problema da Arte no pensamento de Platão. **Prometeus: Filosofia em Revista**. Viva Vox – DFL – Universidade Federal de Sergipe. Ano 3. n. 6 jul. dez./ 2010. p. 91-106.

VICENTE, José João Neves Barbosa. O papel da educação na *República* de Platão. **Kínésis**, v. 6, n. 11, jul./2014, p. 215-224. Disponível em: <<https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/kinesis/article/view/4565>>. Acesso em: 17 jul. 2024.